

Literatura e Inclusão: Formação do Respeito a Diversidade



Laila Pinto Vilela
Dagmar de Mello e Silva
Ruth Maria Mariani Braz

**LITERATURA E INCLUSÃO:
FORMAÇÃO DO RESPEITO À DIVERSIDADE**



LAILA PINTO

VILELA

DAGMAR MELLO

RUTH MARIANI

Copyright © Laila Pinto Vilela & Ruth Maria Mariani

Equipe Técnica

Capa: Fernanda Santos Adriano
Thiago Pimenta Velloso

Revisores:

Ruth Maria Mariani Braz (Coordenadora da Revisão)
Dagmar de Mello e Silva
Isabela Pinto Vilela

Preparação do original:

Laila Pinto Vilela
Ruth Maria Mariani Braz

Supervisão editorial:

Ruth Maria Mariani Braz

Diagramação

Ruth Maria Mariani Braz

CV699

Literatura e Inclusão: Formação do Respeito à Diversidade. Vilela, Laila, Pinto; De Mello e Silva, Dagmar; Mariani, Ruth. Rio de Janeiro: Editora Abidin/ Perse, 2019.

89fl.

ISBN 978-85-69879-42-8

Doi: <https://doi.org/10.29327/539086>

1. Literatura Infantil 2. Formação de Leitor
3. Inclusão. 4. Diversidade

Prefixo Editorial: 69879

CDD 370

PREFÁCIO:

Este e-book surgiu por iniciativa trabalho de pesquisa de mestrado da mestranda Laila Pinto Vilela, desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), sob a orientação da professora doutora Ruth Maria Mariani Braz e co-orientação de Dagmar de Mello e Silva ambas membros do grupo Galileu Galilei, grupo independente, composto por pesquisadores de diversas Universidades Brasileiras, com o objetivo de divulgar um acervo de obras e atividades lúdicas relacionadas à área da Educação Inclusiva.

O trabalho de pesquisa tem ênfase na área da literatura e é voltado para quatro temas relacionados a inclusão, são eles: questão étnico racial, questão indígena, questões relacionadas a deficiência e as diferenças e o papel da mulher na sociedade afim de propor práticas que possam ser realizadas em escolas regulares de educação básica que buscam a formação de alunos para o respeito à diversidade e inclusão como proposta real.

A defesa da educação inclusiva na educação básica em nosso país é um desafio que precisa se enfrentado com políticas públicas, garantias legais e formação, tanto dos profissionais quanto dos alunos que fazem parte da comunidade escolar. É necessário, por tanto, repensarmos nossas ações e buscarmos garantir o desenvolvimento de práticas inclusivas de forma integrada e significativa, pois a educação acontece o tempo todo, independente da nossa intenção, por isso, para nós, que temos a intenção educativa na nossa prática, recai maior compromisso com os nossos fazeres educativos.

Em nosso trabalho, as atividades propostas apostam na leitura compartilhada, pois acreditamos nos resultados positivos do trabalho coletivo. Mas afinal, qual a importância efetiva da literatura? Sem o leitor, ela estará apenas as estantes das bibliotecas, livrarias. o livro por si só não trará nada de novo ao mundo. Mas quando uma criança abre um livro, quando seus olhos recaem sobre aquelas histórias e ela se

identifica, se reconhece no texto lido, toma conhecimento de uma nova realidade ou uma nova forma de viver e construir o mundo, aí sim a literatura ganha vida. Quando uma turma lê um livro coletivamente, fala sobre suas impressões e descobre as impressões do outro, aí sim a literatura pode transformar. Além disso, cabe aqui uma crítica: quando a criança aprender a ler, muitas vezes, os adultos, sejam eles familiares ou professores, param de ler para ela, e então, a literatura se torna uma prática, em que a troca se restringe ao leitor e ao livro, ficando cada vez mais solitária.

O primeiro capítulo deste e-book intitulado *Caminhos percorridos pela literatura infantil* se dedica à apresentar as fundamentações teóricas a respeito da literatura, da inclusão e da formação do leitor. Trazemos nele as contribuições de grandes autores da área da literatura infantil e juvenil como Regina Zilberman (1994), Nelly Novaes Coelho (2000) e José Nicolau Gregorin Filho (2009). A pesquisa mostra a trajetória da literatura. Destacamos as definições de literatura, a literatura e a formação do leitor, a importância do lúdico e as bases legais que dão suporte as duas temáticas: literatura e inclusão. A presença da legislação é fundamental pois precisamos nos apropriar delas para que possam reivindicar a melhoria da qualidade de vida destes cidadãos brasileiros.

A investigação mostra que há muito a acrescentar, construir para que possamos ser uma sociedade inclusiva e leitora, como mostra o do Documento 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, 2016, utilizado no capítulo.

O segundo capítulo descrevemos a metodologia utilizada, realizamos uma revisão bibliográfica sobre algumas palavras chaves são elas: literatura infanto-juvenil, formação de leitor, inclusão, diversidade humana. Os resultados que encontramos poderão contribuir para o entendimento histórico e social da inclusão das pessoas que se enquadram na questão racial, indígena, deficientes e do papel das mulheres ao longo da história, sempre o objetivo de mostrar que a realidade ela não é naturalmente construída, mas sim social e historicamente construída e por isso

passível de transformações com ações como a formação para o respeito e a diversidade no ensino regular.

Este é um tema de grande relevância para a nossa sociedade, pois com o processo de inclusão essas pessoas estão garantindo direitos e fazendo transformações diárias, uma das mais sensíveis é a que acontece nas escolas públicas regulares com a presença das pessoas com deficiência nas turmas regulares. Na catalogação de livros, antes de apresentarmos as 10 obras escolhidas dentro de cada um dos 4 temas, preparamos uma justificativa com base nos artigos pesquisados para o porquê de nossas escolhas.

O terceiro capítulo, Sugestões de atividades para serem desenvolvidas com os livros, é dedicado explicação das atividades propostas. Infelizmente as atividades não foram testadas, mas este é um desafio que pretendemos enfrentar em breve para apresentar os resultados e propor ajustes necessários para melhor utilização das mesmas. Todas as atividades propostas são pensadas a partir da participação ativa das crianças e da total abertura ao debate, o professor atua como um dinamizador das atividades, dando protagonismo aos alunos.

O quarto capítulo traz as nossas conclusões finalizando o e-book. Nossa esperança é que este trabalho contribua de forma positiva para o trabalho desenvolvido por professoras que se interessam pelo tema da inclusão da literatura e que assim possamos aprimorar práticas que tragam êxito na formação para o respeito à diversidade e inclusão.

Laila Pinto Vilela.

SUMÁRIO

Títulos	Página
Caminhos percorridos pela literatura infantil	1
Definições de literatura	5
A literatura e a formação de leitores	8
A importância do Lúdico	12
Parâmetros Legais	14
Metodologia	18
Busca nas bases de dados	18
A metodologia utilizada na catalogação dos livros	20
A metodologia utilizada para a catalogação das atividades pedagógicas de literatura	20
Resultados da revisão Brasileira sobre a Literatura e a Inclusão	20
Resultados da catalogação dos livros	25
Por que questão étnico racial?	25
Nossas escolhas dos livros sobre as questões raciais.	32
Por que questão indígena?	35
Nossas escolhas dos livros sobre a cultura indígena.	40
Por que as deficiências e diferenças?	43
Nossas escolhas dos livros sobre deficiências e diferenças	48
Por que o papel da mulher na sociedade?	51
Nossas escolhas dos livros sobre o papel da mulher na sociedade?	55
Sugestões de atividades	59
Para trabalhar os livros sobre a questão étnico Racial	62
Para trabalhar os livros sobre questão Indígena	63
Para trabalhar os livros sobre deficiências e diferenças	66
Para trabalhar os livros sobre o papel da mulher na sociedade	68
Conclusão	70
Referências	72

CAMINHOS PERCORRIDOS PELA LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil, na antiguidade, era conhecida pelo homem pela tradição oral. O impulso de contar histórias provavelmente nasceu com a comunicação humana, pois era a forma de passar a sua herança cultural para outras gerações (FREIBERGER & BERBEL, 2010).

Consideramos fundamental nos aprofundarmos na compreensão dos caminhos seguidos pela literatura infantil. Coelho (2000) fala da dificuldade de defini-la com exatidão, pois para ela

Cada época compreendeu e produziu a literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em constante evolução. Conhecer a literatura que cada época destinou às crianças é conhecer as ideias e valores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...) (COELHO, 2000, p.28).

Novaes Coelho traz em sua obra *Literatura Infantil – Teoria, análise, didática* (2000), uma análise de dez transformações entre o modo de organização social tradicional e o novo modo de organização social do mundo contemporâneo. Entre as transformações estão: a mudança do espírito individualista para o espírito solidário, do racismo para o antirracismo e o olhar sobre a infância. A autora mostra que todas essas transformações impactam na produção literária.

No período tradicional, “*o individualismo e suas verdades são a pedra angular do sistema*” (COELHO, 2000, p.19), já na contemporaneidade com o espírito solidário, toma-se a consciência de que cada um faz parte de todo maior.

Na literatura infantil/juvenil, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, “ser de exceção” pelo *grupo*, pela

patota formada por meninos e meninas normais. Ou então por personagens questionadoras das *verdades* que o mundo adulto lhes quer impor (COELHO,2000, p.24, grifos da autora)

Sobre a transição de uma sociedade racista para o antirracismo, a autora destaca a *“luta para combater os ódios raciais tão fundamentalmente enraizados em nosso mundo. Valorização das diferentes culturas, que correspondem às diferentes etnias, na busca de descobrir e preservar a autenticidade de cada uma”* (COELHO, 2000, p. 27). E sobre o impacto na literatura infantil, *“mesclam-se, em pé de igualdade, personagens das várias raças, e também é abordado frontalmente o problema do racismo, considerado uma das grandes injustiças humanas e sociais”* (COELHO, 2000, p. 27).

Ao analisar a transformação do papel da criança na sociedade tradicional e contemporânea, a autora destaca que na sociedade tradicional ela

(...) é vista como “adulto em miniatura”, cujo período de imaturidade deve ser encurtado o mais rapidamente possível. Daí a educação rigidamente disciplinadora e punitiva; e a literatura exemplar que procurava levar o pequeno leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas “adultas”(COELHO, 2000, p. 23).

Nota-se uma concepção de infância bem distante da que vivemos em nosso atual momento social em que a criança é o centro das preocupações da vida dos adultos, segundo Coelho (2000), na sociedade contemporânea, a criança *“é vista como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade, mas orientado no sentido de alcançar total plenitude em sua realização”* (COELHO, 2000, p. 27).

Ao analisar as primeiras histórias infantis, Coelho traz que as pesquisas sobre o tema apontam para a relação entre o popular e o infantil, elas se originam de histórias destinadas aos adultos e que com o tempo se voltaram para as crianças. Popularidade e exemplaridade são alguns dos fatores para essa transição:

Todas as que se haviam transformado em *clássicos* da literatura infantil nasceram no meio popular (ou em meio culto e depois se popularizaram em adaptações). Portanto, antes de se perpetuarem como *literatura infantil*, foram *literatura popular*. Em todas elas havia a intenção de passar determinados *valores* ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo indivíduo em seu comportamento (COELHO, 2000, p. 41).

Percebemos que a autora coloca três períodos importantes para a literatura infantil: De 1808 – 1919 temos o período Pré-lobatiano, entre 1920-1970 o Brasil vive o período Lobatiano, uma era Moderna e partir 1970 vivemos a fase pós-moderna, Período Pós- Lobatiano.

Ainda buscando estudiosos que ajudem a compreender os caminhos da literatura, a pesquisadora Regina Zilberman afirma que *“os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século 17 e durante o século 18. Antes disto, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância”*” (ZILBERMAN, 1981, p. 13) como um período demarcado com necessidades e características específicas, as crianças por muito tempo foram consideradas adultos em miniatura e participavam de uma vida social de forma completamente diferente do que vivemos hoje. Sobre a literatura, a autora afirma que:

(...) ela sintetiza, por meio dos recursos de ficção, uma realidade, que tem amplos pontos de contato com o que o leitor vive cotidianamente. Assim, por mais exacerbada que seja a fantasia do escritor ou mais distanciadas e diferentes as circunstâncias de espaço e tempo dentro das quais uma obra é concebida, o sintoma de sua sobrevivência é o fato de que ela continua a se comunicar com o destinatário atual, porque ainda fala de seu mundo, com suas dificuldades e soluções, ajudando-o, pois, a conhecê-lo melhor (ZILBERMAN, 1981, p. 22).

Especificamente sobre a literatura infantil brasileira, a autora destaca que ela surge como gênero literário em fins do século XIX:

A literatura infantil brasileira nasce no final do século XIX. Antes das últimas décadas dos oitocentos, a circulação de livros infantis era precária e irregular, representada principalmente por edições portuguesas. Estas surgem a partir dos últimos anos do século passado, quando se assiste a um esforço mais sistemático de produção de obras infantis que, por sua vez, começam a dispor de canais e estratégias mais regulares de circulação junto ao público (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Nessa época, nosso país passa por transformações sociais e econômicas que impactam na vida social do brasileiro como consequência da Revolução Industrial.

O autor Gregorin Filho (2009) destaca que há dois momentos: anterior a Lobato, com viés moralizante, de submissão, patriotismo etc, e pós Lobato com uma literatura de fato voltada para o universo infantil, mais livre e contrária aos preconceitos e com investimento lúdico em seu texto, nesse sentido, a literatura infantil passa “ *de instrumento pedagógico de concepção moralizante do passado, ela passa a espelhar a sociedade com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos*” (GREGORIN FILHO, 2009, p.36). A obra de Monteiro Lobato também é o marco destacado por Laura Sandroni (2008) ao afirmar que:

(...) com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*, em 1921, José Bento Monteiro Lobato inaugura o que se convencionou chamar de “fase literária de produção brasileira destinada a crianças e jovens” (...) sua obra foi um salto qualitativo comparada aos autores que o precederam, já que é toda permeada do âmbito de debates sobre temas públicos contemporâneos ou históricos que problematiza de modo que seja compreendido por crianças e expressa em linguagem original e criativa, na qual sobressai a busca do coloquial brasileiro, antecipatória do modernismo (SANDRONI, 2008, p. 219-220).

Entre os destaques feitos pela autora sobre as obras de Monteiro Lobato, a presença da temática do folclore é uma das que salta aos olhos, “*ele foi o primeiro a fazer do folclore tema sempre presente em suas histórias (...)*” (SANDRONI, 2008, p.220); além disso, a autora chama atenção para a presença do contexto histórico e social em suas obras, como por exemplo a defesa da democracia, presente na forma como se organiza a convivência dos personagens do Sítio do Picapau Amarelo.

Para a referida autora, a importância de Monteiro Lobato para a literatura foi tão significativa que teria, de certa forma, impedido que outros autores, com raras exceções, tivessem sucesso. Para ela, esse quadro começa a mudar nos anos 70, período em que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é publicada e exige que as escolas de primeiro grau adotem livros de autores brasileiros.

Além deste marco, a autora destaca também a criação, em 1968, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e da revista *Recreio*, “*ao lançar jovens autores que hoje constituem os clássicos contemporâneos do gênero*” (SANDRONI, 2008, p.221).

Sandroni (2008) cita diversos autores dos anos 70, como Fernando Lopes de Almeida, Ruth Rocha, Marina Colassanti e faz um destaque para a qualidade da obra de Lygia Bojunga Nunes, “*nesse grupo de autores que problematizam os problemas da sociedade contemporânea, seja no aspecto das relações humanas, seja nas implicações psicológicas de que a criança é vítima*” (SANDRONI, 2008, p.222). A autora cita ainda “*uma corrente que quer ser realista, mas cuja filiação ao natural é evidente na escolha temática de situações-problema da sociedade contemporânea e dos temas considerados tabus para o público infantil*” (SANDRONI, 2000, p.223).

Nessa época, segundo Sandroni, há também uma revalorização da cultura popular. Ela cita autores como Ziraldo, Antonieta de Moraes e Joel Rufino dos Santos. Destaca também o uso do humor para que se reflita sobre o contexto histórico e social nas produções de Sylvia Orthof, Edy Lima e João

Carlos Marinho. Sobre a década de 80, um dos apontamentos feitos por Sandroni (2008) é a valorização dada à ilustração dos livros infantis.

No mesmo artigo, Laura Sandroni destaca o ano de 1982, com a concessão do prêmio Hans Christian Andersen à Lygia Bojunga Nunes pelo conjunto de sua obra, como a primeira vez que nossa literatura atingiu o seu ápice.

Ao analisar a década de 90, Sandroni afirma que o período

Se caracteriza pela melhoria de qualidade das edições brasileiras. Finalmente as editoras deram-se conta de que a criança é o futuro leitor adulto, e, portanto, é preciso fazer o melhor para conquistá-la: um bom texto, uma boa ilustração, impressos em papel de qualidade, com uma boa diagramação e um tipo de letra adequado à sua capacidade de leitura. (SANDRONI, 2008, p.228).

Outros dois momentos importantes para a literatura brasileira destacados por Sandroni (2008) aconteceram em 2000 e em 2003. No ano 2000, foi a vez de Ana Maria Machado receber o prêmio Hans Christian Andersen. E, em 2003, Lygia Bojunga recebeu o prêmio sueco Astrid Lindgren Memorial Award (ALMA). Algo peculiar aconteceu nessa premiação: o valor da premiação é dividido entre autor, ilustrador e especialista, mas em 2003, o júri sueco decidiu por unanimidade dar o prêmio exclusivamente a autora Lygia Bojunga.

Para finalizar a autora fala sobre a primeira década deste século. Seu destaque vai para o fato de termos índios escritores, e cita Daniel Munduruku, autor de obras por nós escolhidas neste trabalho, como seu mais importante representante. Como Sandroni (2008), menciona que a literatura tem várias fases necessitamos então analisar a definição de literatura ao longo do tempo.

Definições de Literatura

Brito (2008) afirma que *“Na história ocidental, pelo menos, a literatura sempre serviu para deleitar e instruir”*. O autor traz em seu texto as impressões da literatura para dois reconhecidos pensadores: Umberto Eco e Calvino. Brito nos fala que *“a literatura, como para Umberto Eco, representa para Calvino, uma forma de (re) conhecer-se no mundo, na vida. Nesse sentido, ela se opõe à indústria do entretenimento, o que não significa dizer que ela não deva ser leve, exata, múltipla”* (BRITO, 2008, p.100).

.Ele traz ainda o pensamento de Sartre que

(...) defendia a necessidade da literatura comprometer-se com a humanidade. Para ele, a literatura redescobre sua função na sociedade quando a sua percepção da realidade passa a ser constituída pela consciência da historicidade. Isso significa um mergulho brutal na atualidade de cada um. (BRITO, 2008, p.100).

As referências trazidas por Brito (2008) dialogam com a autora ZILBERMAN quando ela afirma que *“é desta coincidência entre o mundo representado no texto e contexto do qual participa o seu destinatário que emerge a relação entre a obra e o leitor”* (ZILBERMAN, 1982, p. 23).

Coelho (2000) afirma que *“é a literatura- verdadeiro microcosmo da vida real, transfigurada em arte”* (p.15) e que *“nenhuma outra forma de ler o mundo dos homens é eficaz e rica quanto a que a literatura permite”* (COELHO, 2000, p.15).

A autora destaca ainda o valor da literatura na transmissão e transformação de cultura e valores:

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi o seu principal veículo. *Literatura oral* ou *literatura escrita* foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados. (COELHO, 2000, p.16).

Para ela, a escola se destaca como o lugar do encontro entre livro e leitor:

(...) a escola é hoje, o *espaço privilegiado*, em que deverão ser lançadas as bases para a formação do indivíduo. E nesse espaço, privilegiamos os *estudos literários*, pois de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo da *língua*, da expressão verbal significativa e consciente- condição sine qua non para a plena realidade do ser. (COELHO, 2000, p.16, grifos da autora).

Este é o pensamento que nos dá subsídio para trabalhar a literatura como instrumento para a formação de indivíduos que defendem a diversidade e a inclusão e se choquem, porque desnaturalizam, toda forma de exclusão. Literatura como formação humana de pessoas críticas, reflexivas e autônomas.

Sobre o contato com a literatura, Costa (2007) afirma “(...) *a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário*” (COSTA, 2007, p. 27). Assim oferecer livros que tratem de temas que historicamente foram negados sobre a vida, cultura e a história de diversos grupos que compõe a sociedade podem favorecer a formação para o respeito à diversidade e sua valorização.

Gregorin Filho (2009) classifica os livros que fazem parte do cotidiano da escola em três categorias:

Didáticos: aqueles que são referências para a aprendizagem das disciplinas formadoras do currículo. De apoio didático: publicações utilizadas para o aprofundamento dos diferentes tópicos de cada disciplina, enriquecendo a formação do aluno. De Literatura: livros de ficção, linguagem artística. (GREGORIN FILHO; 2009; p.73).

Segundo o autor, nessa classificação é fundamental “a percepção dos livros de leitura literária como aliados no desenvolvimento da afetividade e imaginação do aluno” (GREGORI FILHO, 2009, p.73), dois pontos fundamentais na construção do nosso trabalho pois visa a formação para o respeito e a valorização da diversidade.

As diferenças fazem parte da vida humana e através da literatura podemos abordar esse tema em nosso dia a dia na escola. O mundo da leitura é capaz de nos levar, através de nossa imaginação, a diferentes lugares, fomentando discussões fundamentais sobre respeito, cidadania, desigualdade, diversidade e direitos humanos.

Esse trabalho pretende ser um convite para refletirmos sobre nossa postura no mundo, utilizando a literatura infanto-juvenil como um dispositivo que potencializa e sensibiliza nossa capacidade de pensar e refletir sobre a vida numa perspectiva mais ética.

Chamamos **ética** não a um dever para com a Lei ou o Bem, nem tampouco a um poder de segregar ou distinguir o puro do impuro, o joio do trigo, o Bem do Mal, mas a uma **capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa em selecionar, nos encontros que produzimos**, algo que nos faça ultrapassar as próprias condições da experiência [...] (FUGANTI, 2005, p. 5, grifos do autor).

Dessa forma usaremos a leitura e a literatura como fontes de formação para o cidadão crítico e consciente da realidade que o cerca e das mudanças que são necessárias para que todos, de fato, tenham condições de exercer sua cidadania, assim sendo realizamos uma revisão da literatura e a formação de leitores no próximo capítulo.

A LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES.

O autor Ricardo Azevedo (2004) vem descrevendo sobre a realidade de muitas crianças que ouvem falar sobre o “prazer da literatura” e sobre o

estímulo de adultos que incentivam a leitura e destacam a sua importância para as crianças, mas que na verdade não são leitores. Azevedo afirma que eles são adeptos da filosofia do *“faça o que eu digo, não faça o que faço”* (AZEVEDO, 2004, p. 1).

Destaca ainda *“que a leitura, como muitas coisas boas da vida, exige esforço e que o chamado prazer da leitura é uma construção que pressupõe treino, capacitação e acumulação”* (AZEVEDO, 2004, p.1).

Além destas dificuldades, temos ainda a realidade das crianças, especialmente das classes sociais mais desfavorecidas, que muitas vezes são filhos e filhas de pais analfabetos e por isso crescem distantes do universo de leitura e da escrita. A escola torna-se para elas o único lugar em que o livro de literatura está ao alcance de suas mãos e o espaço de valorização deste hábito. Sobre esse tema, o autor Ricardo Azevedo nos traz a importância dos contos populares na formação do jovem leitor:

É muito bom quando alguém – principalmente se for um jovem – descobre que, além de regras, informações e lições, um livro pode abordar os temas da vida humana concreta. Terá, creio, uma boa chance de tornar-se um leitor e, mais, cheio de entusiasmo diante do que leu, indicará o texto a seus amigos, contribuindo assim para a formação de outros leitores. (AZEVEDO, 2007, p.8)

Por acreditarmos que a literatura tem importância fundamental na formação das crianças e jovens temos que estar atentos aos textos que são oferecidos aos alunos, pois assim como podem estar a serviço da formação humana consciente podem, por outro lado, contribuir para reforçar preconceitos e estereótipos relativos à deficiência e à diversidade.

A literatura é um produto cultural e sempre devemos estar atentos ao que é oferecido aos estudantes. Escola e literatura caminhando, assim, lado a lado para formação humana amparadas em valores de respeito à diversidade, às diferenças e à inclusão. Nesse sentido busca-se a formação

(...) de um leitor crítico, leitor intérprete, capaz de ler, fazer uma segunda leitura do que foi lido, trazer à baila, por meio do encontro, leitor/autor e personagem deficiente/diferente reflexões que possam contribuir na organização de uma sociedade mais consciente, capaz de aceitar e conviver bem com as diferenças... (NORONHA, 2006, p. 17).

Ricardo Azevedo destaca que a formação do leitor exige comunhão:

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço e este se justifica e se legitima justamente através da comunhão estabelecida... (AZEVEDO, 2004, p.2).

Gregorin Filho (2009) aponta para as críticas que a literatura infantil por vezes sofre em seu prestígio social e acadêmico e relembra que fundamentalmente temos que perceber que *“os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas”* (FILHO, 2009; p.15). A serviço de que valores podemos usar os textos literários na escola? Numa sociedade que pouco lê, que ainda tem milhões de analfabetos escolher usar a literatura a favor da inclusão é um duplo desafio assumido pelo professor.

Em 2016, o Instituto Pró-livro publicou os resultados da 4ª edição da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, executada pelo Ibope e realizada pelo próprio instituto, para saber sobre os hábitos de leitura em nosso país, conforme a figura 1.

De acordo com o documento, o Instituto tem como *“principal objetivo o fomento à leitura e a difusão e acesso ao livro”*. (Instituto Pró-Livro, 2016, p.5) e estabelece como missão *“Transformar o Brasil em um país de leitores.* (Instituto

Pró-Livro, 2016, p.5). Os dados apresentados, mostram que entre os ouvidos pela pesquisa, em 2015, 8% se declararam "não alfabetizado" ou que "não frequentou escola formal" (Instituto Pró-Livro, 2016, p.16).

A respeito do conceito de **Livro**, o documento do Instituto Pró-Livro estabelece que "Consideram-se livros em papel, livros digitais ou eletrônicos e áudio livros digitais, livros em braille e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais". (Instituto Pró-livro, 2016, p.9) e como **Livros lidos em partes** "considera-se como livros lidos em partes aqueles os quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos" (Instituto Pró-livro,2016, p.9).

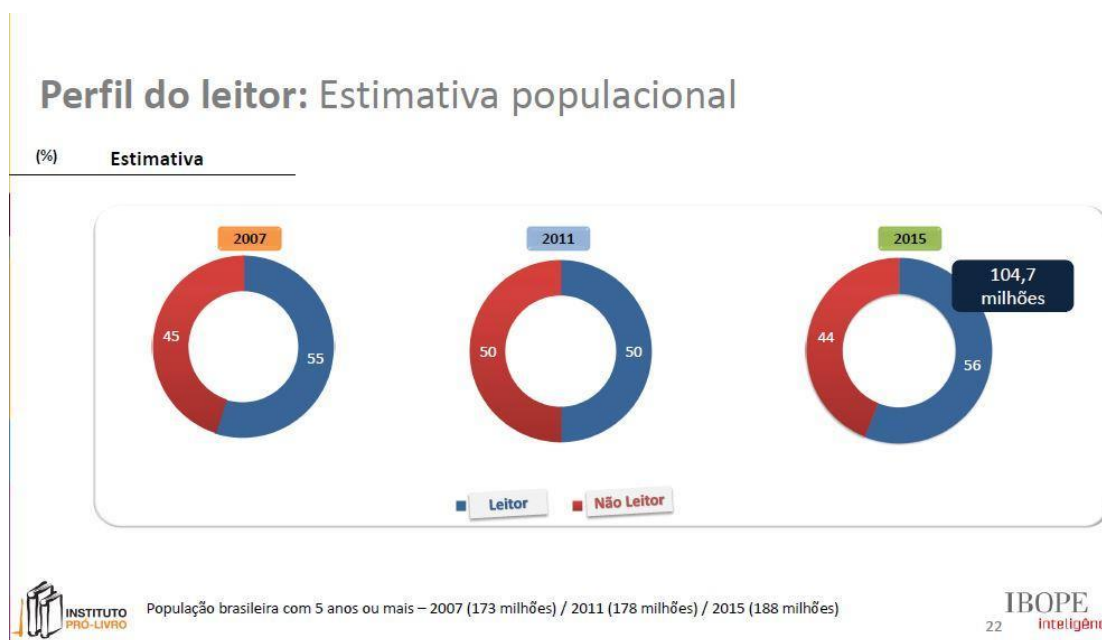


Figura 1: Perfil do Leitor: Estimativa populacional. Fonte: Instituto Pró-livro,2016, p.9).

O instituto define como **Leitor** "aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses" e como **não leitor** "aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses". (Instituto Pró-Livro, 2016, p.21). A estimativa do perfil do leitor apresentado pela pesquisa nos mostra na figura 1, retirada do Documento

4ª edição da *Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil*, 2016, p.22, que 44% da população são pessoas não leitores.

O documento mostra também a principal motivação para ler um livro, apenas ¼ respondeu ter *gosto*¹ pela leitura.

São dados preocupantes e alarmantes que mostram o quanto ainda temos que caminhar em direção ao gosto pela literatura e pela leitura bem como em direção a inclusão e a diversidade. Importante salientar que nessa perspectiva de valorizar a literatura e a inclusão, não concebemos as obras com uma função didático-moralizadoras, mas sim arte, arte literária.

É a partir dessa concepção de literatura que se pode desfrutar das possibilidades de discutir os valores e as práticas sociais de nossa sociedade. O lugar que indivíduo o ocupa, as oportunidades que recebe, descortinar o discurso de meritocracia que mascara as desigualdades sociais e chances reais que indivíduos oriundos das classes sociais mais baixas, com dificuldade de escolarização, de oportunidades de permanência na escola enfrentam, como se para vencê-las só fosse necessário empenho.

Que condições as pessoas com deficiência enfrentam na escola? Que direitos elas têm e por que razão não são cumpridos? O racismo que oprime a população negra, o machismo que tenta reduzir o papel e importância das mulheres na sociedade e no mercado de trabalho e que justifica a violência contra ela. Gregorin Filho (2009) traz uma afirmação clara e objetiva a esse respeito, para ele

(...) aprender a ler e utilizar-se da literatura como veículo de informação e lazer promove a formação de um indivíduo mais capaz de argumentar, de interagir com o mundo que o rodeia e tornar-se agente de modificações na sociedade em que vive... (GREGORIN FILHO, 2009; p.51).

¹ A publicação dos resultados da pesquisa encontram-se disponíveis em:
http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf

Esta afirmação vai ao encontro da proposta de fomentar as discussões de inclusão, respeito e diversidade a partir dos livros literários, nessa esperança de que ela, a literatura, contribui para a formação de pessoas que não permitam que as diferenças sejam tomadas como razão para exclusão, negação de direitos ou justificativa para que as questões sociais sejam naturalizadas, quando na verdade são sociais e historicamente construídas por nós em nossa sociedade.

Desnaturalizar as diversas formas de exclusão ao longo da formação dos nossos alunos é um passo importante para a construção de uma sociedade justa e democrática que é garantida em tantos textos legais, mas que não se vive na prática.

Um desafio que se coloca na escolha dos livros de literatura a serem indicados como favoráveis a promover as discussões e atividades que favoreçam a diversidade e inclusão é a dificuldade em se estabelecer academicamente o que é literatura infantil e juvenil de qualidade. Gregorin Filho faz um panorama sobre as *“linhas teóricas mais utilizadas na pesquisa e no ensino da literatura infantil para a orientação do trabalho em sala de aula”* (GREGORIN FILHO, 2009, p.59).

O autor elenca as seguintes linhas teóricas: crítica literária, linguística, histórico-social, semiótica, didático-pedagógica, psicanalítica e comparatista. Sinaliza ainda o preconceito que a literatura infantil enfrenta diante da crítica literária que comumente a atribui um valor menor. Como a literatura pode ser lúdica dependendo de quem incentiva a leitura, sentimos a necessidade de aprofundarmos sobre o tema.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO

Consideramos fundamental falar a respeito da ludicidade ao tratarmos de literatura e formação de leitores. O elemento mágico está presente em diversos livros infantis, especialmente nos contos de fada. Ao analisarmos a

história da literatura infantil, vamos encontrar referências de autores que nos lembram que os primeiros textos voltados para a criança tinham uma forte marca moralizante, *“os primeiros textos para crianças são escritos por pedagogos e professoras, com marcante intuito educativo”* (ZILBERMAN, 1994, p.13).

A especialista afirma que *“ (...) a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta texto de valor artístico a seus pequenos leitores”* (ZILBERMAN, 1994, p. 23), podemos notar essa mesma preocupação em Aguiar (2011) ao analisar as relações entre a leitura e escola:

(...) o fato torna-se problemático quando a leitura da obra literária se faz apenas sob o viés da pedagogia, isto é, torna-se pretexto para o ensino de uma disciplina curricular, privilegiando a função de instrumento para um fim alheio às propriedades singulares da criação artística (quando, por exemplo, sua leitura se realiza para o ensino da história, das ciências sociais, da higiene, da religião etc.). O uso do texto literário adquire, então, um caráter exemplar e tem sua especificidade anulada enquanto arte... (AGUIAR, 2011, p.8).

Assim, consideramos importante destacar que em nossa concepção não buscamos livros de literatura que se assemelham a manuais de boas maneiras mostrando o que é certo e errado ou o que é bom ou mau. Buscamos livros que causem sim reflexão e transformação, mas que tenham viés artístico e lúdico, o que implica uma postura consciente do professor comprometido com essa proposta.

A ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes. Uma fundamentação teórica consistente dá o suporte necessário ao professor para o entendimento dos porquês de seu trabalho. Trata-se de ir um pouco mais longe ou, talvez melhor dizendo, um pouco mais fundo. Trata-se de formar novas atitudes, daí a necessidade de que os professores estejam envolvidos com o

processo de formação de seus educandos... (ALMEIDA, 2009, p.1).

Esse comprometimento começa com a escolha dos livros e com as formas de trabalhá-los com as crianças, buscando despertar emoções e sentimentos que favoreçam a construção de uma relação íntima entre o leitor e o livro.

É preciso, pois, uma correção de rumos, no sentido de propiciar às crianças experiências de leitura enriquecedoras, em que a literatura se mostra como uma realidade possível, ativadora da imaginação e do conhecimento do outro e de si mesmo. Para tanto, importa criar situações de leitura fundadas na liberdade de escolha e no ludismo, alicerçadas em bases teóricas sólidas sobre o gênero literário em questão, o processo de leitura, as características emocionais e cognitivas infantis e a metodologia de trabalho mais adequada... (AGUIAR, 2011, p.8).

Dessa forma, queremos favorecer o reconhecimento de si e do outro, a experiência de, mesmo sem viver na pele aquela realidade que o livro pode apresentar, ser capaz de se transferir para esse universo, usando imaginação, emoção, entrega nessa mistura entre fantasia e realidade que os livros podem proporcionar aos seus leitores.

Nessa troca, questionamentos e transformações importantes podem acontecer, e é essa a nossa busca, que os livros literários possam contribuir para a formação para o respeito e a cidadania, que são garantidas nos textos legais, mas que, infelizmente, na vida cotidiana continuamos a vivenciar as marcas do preconceito e da exclusão diariamente na vida em sociedade, isto pois

(...) literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o homem, a vida, através da palavra. Funde sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p.27),

Assim, através dessas representações podemos refletir com as crianças sobre a realidade da nossa sociedade. Os livros terão como finalidade acender e fomentar, na escola, discussões sobre as diferenças e os direitos que são negados àqueles que fogem às normas e padrões instituídos por nossa sociedade, além disso a inclusão tem amparo legal, os decretos e as leis vigentes garantem que a educação deve ser para todos e com todos.

PARÂMETROS LEGAIS

Nossa proposta está em consonância com a nossa Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, quando esta trata de questões relativas ao Ensino Fundamental, apontando a necessidade de os currículos escolares contemplarem aspectos relativos à ética, conforme podemos constatar no artigo 32, quando a referida lei comenta que o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tem que considerar

(...) a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores” ressaltando ainda, a importância do “fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (LDB, 1996).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, também encontraremos algumas orientações nesse sentido:

(...) a reflexão sobre as diversas faces das condutas humanas deve fazer parte dos objetivos maiores da escola comprometida com a formação para a cidadania. Partindo dessa perspectiva, o tema Ética traz a proposta de que a escola realize um trabalho que possibilite o desenvolvimento da autonomia moral, condição para a reflexão ética (PCN, Vol. 8, p. 32).

É importante destacar também o Decreto 7611/11 que dispõe sobre o atendimento educacional especializado (AEE). Em alguns de seus artigos traz definições e deveres fundamentais para a educação inclusiva:

Art. 2º A educação especial deve garantir os serviços de apoio especializado voltado a eliminar as barreiras que possam obstruir o processo de escolarização de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (...) § 2º O atendimento educacional especializado deve integrar a proposta pedagógica da escola, envolver a participação da família para garantir pleno acesso e participação dos estudantes, atender às necessidades específicas das pessoas público-alvo da educação especial, e ser realizado em articulação com as demais políticas públicas... (BRASIL, 2011, s/p).

Uma das maiores conquistas recentes no âmbito legal é Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência, instituída em 2015, uma conquista que regulamenta todos os direitos e possibilidades para que a inclusão seja de fato uma realidade:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem. Parágrafo único. É dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, s/p).

Em 2008, o país tem mais uma base legal para que as escolas discutam as questões referente às populações negras e a indígena com a Lei 11.645. A referida lei estabelece a modificação do artigo 26 A da LDB, que passa a ter a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o

estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras (BRASIL, 2008, s/p).

As questões raciais e indígenas serão dois dos quatro temas abordados nesta pesquisa pois sabemos que nosso país é formado a partir da diversidade. Povos europeus, africanos e indígenas estão as bases da nossa formação, embora ainda se verifique a valorização da cultura europeia como socialmente reconhecida. Além disso, conforme trazido pelo documento **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**

(...) como pondera Nilma Lino Gomes, em certos momentos, as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento do reconhecimento das diferenças (GOMES, 2001 APUD MEC/SECAD, 2010, p. 11).

Relativamente a literatura, nos apoiamos no Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, que

(...) unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e

materiais destinados à gestão escolar, entre outros (MEC, 2017,s/p).

Como marcos referenciais internacionais que baseiam a discussão sobre educação inclusiva temos em 1990, em Jomtien, na Tailândia, a Conferência Mundial sobre Educação para todos, cujo objetivo era a Universalização do acesso à educação e a promoção da equidade e, em 1994, a Declaração de Salamanca, documento elaborado pelas Nações Unidas contendo princípios orientações, direcionamentos e políticas para Educação Especial.

Se nossa intencionalidade é desnaturalizar discursos excludentes, segregadores e formar cidadãos que contribuam para o respeito e a inclusão , precisamos que os textos provocam essa reflexão, em um movimento que permita reconhecer práticas excludentes que estão no mundo, práticas que não só o outro pratica, mas que eu mesma pratico sem perceber, um movimento dialético entre leitor, texto e o mundo, afinal *“não posso reconhecer os limites da prática educativo-política em que me envolvo se não sei, se não estou claro em face de a favor de quem a prática”* (Freire,2001, p.25).

Dessa forma, posicionada politicamente, como educadora, pretendo fazer frente ao sistema atual que perpetua valores baseados na homogeneização e na exclusão, negando direitos de ser e de estar no mundo aos que não se enquadram nos moldes considerados normais. A educação, por ser um espaço de formação, pode ser contrapor e não reproduzir os limites sociais que foram naturalizados como forma única reconhecida, contribuindo para a emancipação humana, se rebelando contra a reprodução das desigualdades sociais.

A esse respeito, Sacristán (2002) clareia nossas ideias acerca da diversidade:

A diversidade alude à circunstância dos sujeitos de serem diferentes (algo que em uma sociedade tolerante, liberal e democrática é digno de respeito). Embora também faça alusão ao fato de que a diferença (nem sempre neutra) transforma-se,

na realidade, em desigualdade, na medida em que singularidades dos sujeitos ou dos grupos permitam que alcancem determinados objetivos nas escolas e fora delas de maneira desigual. A diferença não é somente uma manifestação de ser único que cada um é; em muitos casos, é a manifestação do poder ou de chegar a ser, de ter possibilidades de ser e participar dos bens sociais, econômicos e culturais (SACRISTÁN, 2002, p. 14).

É essa consciência que eu busco exercer em minha sala de aula. A consciência do que nossa sociedade prega, de fato, através de seus discursos sobre a tolerância à diversidade. Práticas discursivas que não condizem com as práticas exercidas de negação da diversidade e que se evidenciam nos nossos cotidianos. Discursos que usam as diferenças para negar e homogeneizar modos de vida ao invés de deixar que a diferença se afirme como potência *“capacidade da vida e do pensamento que nos atravessa (...) nos encontros que produzimos”* (FUGANTI, 2005, p. 5).

Luto por uma educação de bons encontros! Encontros com o respeito, a autonomia e a emancipação de nossas crianças que estão na escola constituem parte de nossa sociedade, influenciando e sendo influenciados por ela. Se a escola repete o discurso dominante da violência, exclusão e negação de direitos, os educandos serão reprodutores desse modelo de sociedade, não reconhecendo outras possibilidades de Ser. Para isso é preciso investir na formação de professores que se sintam desejosos por transformar suas práticas. Que esses desejos agenciem novas formas de ligar o aprender com aquilo que desejamos educar.

METODOLOGIA

Este é um estudo descritivo, qualitativo, de cunho pedagógico, pois permite ao pesquisador realizar um estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador (GONÇALVES, 2014). É uma pesquisa que envolve o mapeamento e o

cadastro de livros da literatura infantil que os professores poderão trabalhar com as crianças. Este mapeamento destina-se a produzir dados que possam levar a melhoria no processo de aprendizagem dos sujeitos que delas participam. Realizamos uma descrição dos livros escolhidos e catalogados por nós, bem como deixamos sugestões de atividades para que no futuro os professores possam aplicá-los.

BUSCA NAS BASES DE DADOS

Para atender os objetivos da pesquisa, inicialmente realizamos pesquisas bibliográficas nas bases acadêmicas para obtenção de informações sobre como vem sendo trabalhada a literatura infantil sobre a diversidade humana. Essa pesquisa bibliográfica nas bases acadêmicas teve início em outubro de 2017 e foi desenvolvida através das palavras-chave como: literatura infanto-juvenil, formação de leitor, inclusão, diversidade humana, durante o período dos últimos cinco anos.

As plataformas pesquisadas foram:

- Scientific Electronic Library Online (<http://www.scielo.org/php/index.php>);
- Google acadêmico (<https://scholar.google.com.br>);
- Eric (<https://eric.ed.gov>);
- Educapes (<https://educapes.capes.gov.br>);
- Periódicos da Capes (<http://www.periodicos.capes.gov.br>);

A METODOLOGIA UTILIZADA NA CATALOGAÇÃO DOS LIVROS

A catalogação dos livros que tratem do tema sobre a diversidade humana na literatura infantil foi realizada através da pesquisa bibliográfica do catálogo dos livros indicados pelo PNLD 2018 e nas listas de premiados: Jabuti

e Fnlij, além de serem títulos trabalhados em sala de aula durante o meu percurso profissional.

Optamos por analisar os livros literários indicados e selecionar 10 que sejam considerados favoráveis para discutir os seguintes temas:

- 1- Questão étnico racial
- 2- Questão indígena
- 3- Papel da mulher na sociedade
- 4- Questões relacionadas às deficiências e diferenças.

Os quatro temas foram escolhidos por os considerarmos urgentes na discussão sobre o respeito às diferenças nos espaços coletivos, principalmente na formação dos futuros adultos que comandarão nossa sociedade. Diante do exposto, decidimos nos orientar pelos seguintes critérios:

- a- Livros indicados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), Literário 2018,
- b- Vencedores do Prêmio Jabuti de vários anos,
- c- Vencedores do Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Fnlij) e
- d- Indicações de pares
- e- Indicações nos artigos pesquisados

A METODOLOGIA PARA A CATALOGAÇÃO DAS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS DE LITERATURA.

As atividades pedagógicas de literatura não serão aplicadas neste momento da pesquisa devido ao tempo. Deixaremos disponíveis no *E-book* para que posteriormente possam ser aplicadas. Selecionamos as atividades a partir de sugestões encontradas na literatura.

RESULTADOS DA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE A LITERATURA E A INCLUSÃO

Como resultado do primeiro objetivo específico desta pesquisa, realizamos uma busca nas bases acadêmicas (Google Acadêmico, Eric; SciELO, Periódicos da CAPES e no Banco Internacional de Objetos Educacionais), visando encontrar artigos que tratasse da “literatura infanto-juvenil e inclusão”.

Quando pesquisamos a palavra *Inclusão* encontramos:

- ✓ Google Acadêmico: 62.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 46
- ✓ Scielo: 75
- ✓ Periódicos Capes: 9.589 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 50 (sem restrição de data).

Quando pesquisamos a palavra *literatura infanto-juvenil*:

- ✓ Google Acadêmico: 11.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 2.816
- ✓ Scielo: 15
- ✓ Periódicos Capes: 243 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 6 (os 6 são vídeos).

Para a pesquisa de *literatura infanto-juvenil e inclusão*, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 5.840 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 249

- ✓ Scielo: 3 (apresentou 2 resultados mas era o mesmo artigo).
- ✓ Periódicos Capes: 41 (selecionei o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0

Nossas próximas palavras – chaves para pesquisa foram: *literatura e formação de leitores*

Para *literatura* encontramos os seguintes resultados

- ✓ Google Acadêmico: 285.000 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 17.837
- ✓ Scielo: 12.336
- ✓ Periódicos Capes: 70.672 (seleccionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 1.205 (sem restrição de data)

Para *formação de leitores*:

- ✓ Google Acadêmico: 15.400 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 218
- ✓ Scielo: 35
- ✓ Periódicos Capes: 536 (seleccionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 16 (sem restrição de data / 0 artigos)

Para a combinação *literatura e formação de leitores* os resultados apresentados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 14.500 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 30
- ✓ Scielo: 12
- ✓ Periódicos Capes: 400 (seleccionamos o filtro somente artigos).

- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 12 (sem restrição de data / 0 artigos).

Para a pesquisa de *relações étnico-raciais*, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 11.100 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 325
- ✓ Scielo: 36
- ✓ Periódicos Capes: 400 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0 (sem restrição de data)

Para a pesquisa de *questões indígenas*, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 14.800 (excluídos patente e citações)
- ✓ Eric: 289
- ✓ Scielo: 35
- ✓ Periódicos Capes: 586 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 21 (sem restrição de data)

Para a pesquisa *o papel da mulher na literatura infanto-juvenil*, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 5.180 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 64.451
- ✓ Scielo: 0
- ✓ Periódicos Capes: 18 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0 (sem restrição de data).

Para a pesquisa *deficiência na literatura infanto-juvenil*, os resultados foram:

- ✓ Google Acadêmico: 4.250 (excluídos patentes e citações)
- ✓ Eric: 1
- ✓ Scielo: 0
- ✓ Periódicos Capes: 22 (selecionamos o filtro somente artigos).
- ✓ Banco Internacional de Objetos Educacionais: 0 (sem restrição de data).

Com os resultados quantitativos apresentados, escolhemos artigos, dissertações e monografia, a partir dos títulos, que pudessem contribuir para o presente trabalho.

Mariana Guerra (2015) publicou pela Universidade Federal do Espírito Santo a dissertação intitulada “O leitor e a literatura juvenil: um diálogo entre os prêmios literários Jabuti e FNLIJ e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), na qual busca *“discutir se a opinião dos membros do júri, dada a ver nos resultados dos prêmios Jabuti e FNLIJ comparativamente às obras selecionadas pelo PNBE, nas categorias infantil e juvenil, indica um perfil modelo de obra literária e, assim, de leitor”* (GUERRA, 2015,p.18).

Ao analisar a questão das nomenclaturas que se colocam: “literatura infanto-juvenil”, “literatura infantil”, “literatura juvenil” e “literatura infantojuvenil”, Guerra (2015) traz a citação de Lajolo (2000) que nos esclarece que

Tanto a criança à qual se destina a literatura infantil é uma construção, quanto o jovem ao qual se destina a literatura juvenil é outra construção, ambas sociais. E, na condição de satélites de construções sociais, tanto o infantil de uma quanto o juvenil de outra são conceitos instáveis: o que é literatura infantil, em determinado contexto, pode ser juvenil em outro e vice-versa (LAJOLO, 2000. P. 20, grifo da autora, APUD GUERRA 2015, p. 14).

Sinalizaremos quando nossas escolhas estiverem sido premiadas pelo prêmio Jabuti e FNLIJ e indicaremos os anos aos quais foram direcionadas quando constarem no PNLD Literário 2018.

Para analisar o tema **questão étnico racial** selecionamos 4 fundamentações teóricas. São elas: A obra do MEC **Superando o racismo na escola** (2005), organizada por Kabengele Munanga. Dentro deste documento escolhemos os artigos de Heloisa Pires Lima **Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto- juvenil**, e da autora Maria Cristina Soares de Gouvêa, **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”** pois ambos conjugam questão racial e literatura. O artigo **As relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil**, publicado em 2018 em Educar em Revista por Débora Cristina de Araújo, que analisou uma série de publicações que tratavam do tema, nos trazendo um importante panorama sobre a evolução da questão racial nos livros literários. Trazemos as contribuições do artigo **O negro na literatura infantojuvenil brasileira**, das autoras Luciana Cunha Lauria da Silva e Katia Gomes da Silva (2011), que está fora do período pesquisado, mas que traz uma discussão atual do tema. Utilizamos também o artigo **Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária**, publicado em 2018 pela Revista Cátedra da Pontifícia Universidade Católica PUC – Rio, de autoria de Wagner Campos Ramos e Marly Amarilha pois traz uma análise da condução de um processo de leitura de livros literários com a temática negra para um grupo de crianças e nos mostra as falas e colocações trazidas por elas acerca do tema.

Para tratar da **temática indígena**, selecionamos o artigo **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**, de Janice Cristine Thiéll (2013) que nos esclarece diversos conceitos sobre o tema, como a distinção existente três palavras muito próximas, mas que definem conceitos bem distintos, são elas indianista, indigenista e indígena; trabalhamos o artigo da pesquisadora Andrea Castelaci Martins, **A temática indígena na literatura infantil e juvenil – um percurso**, no qual é traço um panorama histórico da

temática indígena na literatura infantil publicado em 2016 e o artigo **Leitura da literatura indígena na sala de aula: contribuições para o ensino** (2017), de Francisco Bezerra dos Santo

Para tratar do tema **questões relacionadas à deficiência e as diferenças** escolhemos o artigo de Jully Fortunato Buendgens e Diana Carvalho de Carvalho intitulado **O preconceito e as diferenças na literatura infantil**, publicado em 2016 na revista Educação e Realidade pela Universidade Federal de Santa Catarina. Buendgens e Carvalho (2016) analisaram 14 obras literárias escolhidas pelo Programa Nacional do Livro Didático de 2013 que tratassem do tema diferenças e/ou preconceitos; e o artigo **Literatura infantil e educação: ensinando através de personagens diferentes**, de Maria Hessel Silveira e Edgar Kirchoh, 2016, publicado em na revista Em Aberto que trata da representação na cegueira nas narrativas literárias.

Para nos ajudar a justificar e compreender a importância de buscarmos livros de literatura que provoquem a reflexão sobre o **papel da mulher na sociedade**, utilizamos a obra de Hildete Pereira Melo e Débora Thomé, **Mulheres e poder: histórias, ideia e indicadores**, de 2018, além dele, dois documentos importantes também farão parte da nossa análise: **o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher , 2018**, elaborado pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres no qual apresenta-se uma análise sobre a participação das mulheres no poder, bem como o **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres de 2013-2015**. A seguir vamos justificar, com bases nos artigos mencionados, a importância e necessidade dos temas escolhidos.

RESULTADOS SOBRE A CATALOGAÇÃO DOS LIVROS

Na etapa catalogação dos livros, tivemos algumas dificuldades para identificar obras que, embora não tenham vencido o prêmio FNLIJ, receberam

o selo de Altamente Recomendável pela instituição. Sempre que a informação estiver no livro ou no site da respectiva editora estará aqui mencionado.

POR QUE QUESTÃO ÉTNICO RACIAL?

Nossa preocupação surge da reflexão sobre a representação da imagem e da cultura negra em nossa literatura, por isso saímos em busca de obras destinadas ao público infanto-juvenil que rompam com estereótipos e preconceitos raciais e que não se apresentem como discurso de integração do negro à cultura dominante. Nossa intenção aqui é trazer obras que prezem a valorização das histórias, dos modos de vida, costumes, culturas, contribuições na construção do Brasil e suas formas de ser e estar no mundo.

Embora publicada há mais de 5 anos, a obra do MEC “*Superando o racismo na escola*” (2005), organizada por Kabengele Munanga, traz diversos artigos que nos convidam a reflexão sobre as faces do racismo na escola brasileira. Entre eles está o artigo de Heloisa Pires Lima “*Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil*”, no qual a autora afirma que:

Toda obra literária, porém, transmite mensagens não apenas através do texto escrito. As imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam as percepções sobre aquele mundo imaginado. Se examinadas como conjunto, revelam expressões culturais de uma sociedade. A cultura informa através de seus arranjos simbólicos, valores e crenças que orientam as percepções de mundo (LIMA, 2005, p.101).

Aqui reside nossa atenção: é preciso estar prevenido a que percepções de mundo e culturas as crianças têm acesso ao lerem livros literários. Em seu texto, Lima (2005) nos convida a um exercício: buscarmos na memória e nas estantes, livros que trazem personagens negros. Ela relata a dificuldade do público de encontrá-los, especialmente no papel de protagonistas das histórias. A própria autora começou a busca e quando as encontrava, passou a analisar

os enredos nos quais os personagens negros se inseriram: vinculados à escravidão, e nesse ponto a questão que se coloca é que

O problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem. Geralmente, a queixa de crianças negras se sentirem constrangidas frente ao espelho de uma degradação histórica nos alerta que o mesmo mecanismo ensina para a não negra uma superioridade (LIMA, 2005, p.101).

Para problematizar uma questão como essa, podemos ter uma abordagem bem simples, porém reveladora: podemos propor uma atividade de construção de uma narrativa e apresentar as personagens que farão parte da narrativa cuidando para que as imagens das personagens sejam equilibradas entre brancos e negros e pedir que as crianças escolham quais delas vão compor a sua história e que papéis vão desempenhar. A partir daí problematizar: quantas personagens negras foram escolhidas por eles? Que papéis irão desempenhar em cada uma dessas histórias? Se na escola houver uma biblioteca, dar a eles alguns minutos e pedir que selecionem livros nos quais a personagem da capa seja uma personagem negra. A partir daí temos material suficiente para discutir a colocação de Lima (2005) na sala de aula.

A investigação da presença dos negros na literatura nas primeiras três décadas do século XX foi analisada pela autora Maria Cristina Soares de Gouvêa, no artigo intitulado “*Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*”. Nele, a autora afirma que a partir da década de 1920.

A literatura infantil do período dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico, incorporando tal temática no interior das narrativas (GOUVÊA, 2005, p.83).

A autora sinaliza que antes desse período há a marca da ausência dos negros nas obras literárias ou com referências simples e fazendo alusão à

escravidão. Isso muda *“à medida que nas práticas culturais mais amplas desloca-se a discussão em torno da brasilidade, não mais de negação, mas de afirmação de sua composição racial, a representação do negro na literatura infantil altera-se”* (GOUVÊA, 2005, p.84), ainda aponta que nesse período da literatura o negro assume uma presença mítica e em posições de servir ao outro, marcada da recente escravidão em nosso país.

Por um lado, o negro vinha reafirmar a identidade nacional, associado ao folclore brasileiro e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores não encontravam lugar no seio de uma sociedade que se pretendia moderna, fazendo-o ocupar um espaço social à parte. Enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros eram relacionados a significantes opostos, como tradição e ignorância, universo rural e passado (GOUVÊA, 2005, p.84).

Outro alerta que nos parece fazer sentido aqui é o lugar de fala do professor. Para o professor que não é negro, mediar leituras e discussões a respeito deste tema exige, ao nosso ver, preparo, sensibilidade e dedicação. Nossa própria fala está permeada de expressões e palavras de origem racista e, claro que, muitos de nós não têm a intenção de usá-las para ofender a dignidade do outro, na verdade, muitas vezes, nem percebemos o que estamos fazendo, por isso consideramos fundamental esse exercício de empatia, não só para tratar o tema do racismo na escola, mas também para tratar de qualquer outra questão que envolva uma realidade diferente da nossa.

Nesse contexto, cabe aqui o apontamento da obra de Monteiro Lobato, autor que como já sinalizamos acima, merece destaque por ser um pioneiro na arte de escrever para as crianças. O contexto em que viveu o autor se reflete em sua obra, na qual encontramos colocações que, aos olhos de hoje, refletem o preconceito existente em sua época:

Nós não podemos exigir do povo o apuro artístico dos grandes escritores. O povo... Que é o povo? São essas pobres tias velhas, como Nastácia, sem cultura nenhuma, que nem ler sabem e que outra coisa não faz senão ouvir as histórias de outras criaturas igualmente ignorantes, e passá-las para outros ouvidos, mais adulteradas ainda (LOBATO, 1937, p. 30 in GOUVÊA, 2005, p. 85).

Não se trata de abolir das escolas a obra do autor, pelo contrário, se faz necessário entender e apresentar aos alunos o contexto de sua produção para se possa compreender as marcas que a história do povo negro carrega em decorrência da escravidão, e mais tarde de uma abolição sem inserção social que condenou muitos a miséria e ao abandono às margens da sociedade. Nesse período, a autora aponta ainda que as obras trazem uma ligação entre o negro e a feitiçaria, como se nota na obra em *O país das formigas*, de Menotti Del Picchia.

Outra característica por ela apontada é a recorrência com que a questão da raça é a maneira para se referir aos personagens nas obras “*invariavelmente, o nome dos personagens negros era substituído por vocábulos como: o negro, o negrinho, o preto, o pretinho, a negra, a negrinha, o preto velho, a negra velha*” (GOUVÊA, 2005, p.88), bem como destaque para a descrição de seus atributos físicos

Em nossas práticas diárias, muitas vezes podemos perceber que naturalizamos ainda a associação de determinados comportamentos a questões de gênero ou raça. O samba é um exemplo corriqueiro de associação ao negro, como se o fato de ser uma pessoa negra significasse uma habilidade e um gosto inato por esse gênero musical, o que não tem nenhum fundamento científico. Podemos suspeitar de que esse tipo de associação se relacione com questões do passado, que tentavam dar fundamento científico a dominação dos europeus como uma raça superior. O combate a esse tipo de pensamento é fundamental nos dias atuais, pois num passado não tão distante, a história nos mostra que essas crenças foram justificativas para momentos de grande barbárie na nossa sociedade como com a escravidão, o apartheid e o nazismo.

Reconhecer que a raiz desses problemas encontra-se na crença de superioridade de uma raça sobre a outra é fundamental para a formação para o respeito e a diversidade.

Gouvêa destaca ainda intenção de embranquecimento dos negros nas narrativas como podemos observar em *Reinações de Narizinho*:

Tia Nastácia não sei se vem. Está com vergonha, coitada, por ser preta. — Que não seja boba e venha — disse Narizinho — eu dou uma explicação ao respeitável público... — Respeitável público, tenho a honra de apresentar (...) a Princesa Anastácia. Não reparem ser preta. É preta só por fora, e não de nascença. Foi uma fada que um dia a pretejou, condenando-a a ficar assim até que encontre um certo anel na barriga de um certo peixe. Então, o encanto quebrar-se-á e ela virará uma linda princesa loura (LOBATO, 1931, p. 206 in GOUVÊA, 2005, p.89).

Reafirmamos a importância do conhecimento do contexto histórico das obras de Lobato e de outros possíveis autores que o professor tenha o desejo de trabalhar, mas que escreveram obras que podem causar polêmicas nos dias atuais dada a nossa compreensão atual do tema.

Para completar nossa análise, trazemos as contribuições de Débora Cristina de Araújo com seu artigo *As relações étnico-raciais na literatura infantil e juvenil*, publicado em 2018 em *Educar em Revista*, no qual foram analisados 13 estudos de mestrado e doutorado, a partir do projeto “Educação das Relações Étnico-Raciais: o estado da arte”, os estudos foram desenvolvidos 2003 a 2014. Em suas análises a pesquisadora afirma que

(...) os estudos indicaram um consenso sobre mudanças, ainda que diminutas, na representação de personagens negras a partir de publicações literárias mais recentes, embora negras e negros ainda sejam minoria como personagens no universo literário infantil e juvenil de modo geral (ARAÚJO, p. 61, 2018).

As afirmações da autora reforçam o sentido de trabalhos como esse, é uma produção recente que, embora aponte avanços, mostra que ainda há um longo trabalho a ser feito em relação ao protagonismo negro na literatura infantil e juvenil e a importância da problematização da forma e da posição dele nas narrativas. Em seu artigo, a autora também utiliza GOUVÊA, 2005, assim com aqui estamos citando, para mostrar a crítica que se faz a forma como as personagens negras eram apresentadas nas obras. Outra observação importante a qual a pesquisa de Araújo chegou é que clareza de “*que quanto mais antiga seja a obra, maiores são as chances de conter estereótipos negativos e racismo implícito ou explícito* (ARAÚJO, 2018, p. 73)”. Essa colocação nos serve de alerta ao analisarmos as obras aqui escolhidas.

Aprofundando nossa análise a respeito deste tema, trazemos as contribuições do artigo *O negro na literatura infantojuvenil brasileira*, das autoras Luciana Cunha Lauria da Silva e Katia Gomes da Silva (2011). Se trata de outro artigo anterior ao período pesquisado nas bases de dados (que foram os últimos 5 anos) mas que, embora com 7 anos de publicação, contribui significativamente para nossas reflexões. Para as autoras

A ausência de personagens negros ou a sua marginalização nas histórias infantojuvenis acarreta, de fato, sérias consequências no imaginário do educando, criando uma realidade distorcida e preconceituosa, contribuindo, assim, para a sustentação de uma ordem social desigual. Somente na década de 80, ocorre uma mudança nesse lamentável quadro que tantos malefícios trouxe para a formação das crianças e jovens brasileiros. Surgem, nesse momento, determinados livros com novas propostas, cujo objetivo central é, exatamente, romper com a visão estereotipada dos negros, valorizando suas tradições e também o seu aspecto físico (SILVA & SILVA, 2011, p. 7)

Esse é o tipo de livro que buscamos apresentar neste trabalho. As autoras destacam a obra *Luanda*, de Aroldo Campos e Osvaldo Faustino por trazer a primeira heroína e protagonista negra para a literatura infantil. Além de

Luanda, as autoras trazem também a obra de Heloisa Pires Lima, *Histórias da Preta*. “As duas obras procuram retratar o outro lado das histórias dos africanos e afrobrasileiros, durante anos legada ao esquecimento pela literatura infanto-juvenil” (SILVA & SILVA, 2011 p. 7).

Ao longo do trabalho, citam também a obra *Meu tataravô era africano*, de Georgina Martins e Teresa Silva Telles e *Minha família é colorida*, também de Georgina Matos. As autoras apontam a importância da legislação como a já mencionada neste trabalho, a Lei 10639/03, que vai tratar do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país e a necessidade de reflexão sobre a presença do racismo na sociedade atual e seu combate em favor do desenvolvimento da democracia e da igualdade.

Ainda nos dá suporte o artigo *Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária*, de Wagner Campos e Marly Amarilha, publicado na Revista Cátedra Digital em 2018. Os autores trazem seu entendimento do que chamam de Literatura Infantil Negra: “entendemos que Literatura Infantil Negra é o conjunto de obras literárias produzidas para a infância que representa como tema central aspectos das histórias e das culturas dos povos negros, seja na diáspora ou no continente africano” (CAMPOS & AMARILHA, p.1, 2018). Aceitamos aqui também essa compreensão e acrescentamos em nossa análise livros que, em nosso ponto de vista, contribuem para o rompimento de visões de mundo preconceituosas e/ou racistas, como é o caso do livro a “*Cor de Coraline*”, selecionados por nós para essa discussão pois propõe uma reflexão sobre o que seria a *cor de pele* quando um colega lhe pede o lápis *cor de pele* emprestado. Embora não traga elementos da cultura dos povos negros, a obra é por nós considerada uma importante reflexão sobre o tema.

Assim como Campos & Amarilha (2018), assumimos os conceitos de preconceito e racismo trazidos pela publicação “*Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais*” (BRASIL, 2006). Na obra há um glossário que nos traz definições importantes sobre a temática das relações étnico-raciais. Menciona que Preconceito “é primeiramente, uma opinião que se

emite antecipadamente, a partir de informações acerca de pessoas, grupos e sociedades, em geral infundadas ou baseadas em estereótipos, que se transformam em julgamento prévio, negativo” (BRASIL, 2006, p. 221). Já para o termo racismo

Remete a um conjunto de teorias, crenças e práticas que estabelece uma hierarquia entre as raças, consideradas como fenômenos biológicos (MUNANGA, 2004). Doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de dominar outras; preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, geralmente considerada inferior; atitude de hostilidade em relação à determinada categoria de pessoas (BRASIL, 2006, p. 222).

Na pesquisa de Campos & Amarilha, trazem as falas das crianças ao tomarem contato com livros de literatura negra. Infelizmente, algumas falas nos mostram como ainda temos um longo caminho a ser percorrido na formação humana livre do preconceito e do racismo e nos motiva a enveredar por esse caminho. Diante do exposto seguem nossas escolhas assim de contribuir com esse desafio.

A experiência profissional nos mostra crianças que passaram a se reconhecer como parte de uma cultura quando a escola trabalha esse tema de forma positiva, embasado nas histórias da cultura negra e seus heróis, em dois livros por nós escolhidos, Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre e A história de Chico Rei temos a chance de encontrar e conhecer a luta de heróis negros que tiveram grande importância para seu povo. O menino/ menina que cresce conhecendo seus heróis pode encontrar maior inspiração e força para enfrentar suas batalhas pessoais e sociais pois saber quem seus ascendentes fizeram isso antes deles, eles têm, portanto em que se inspirar. Diante do exposto, seguem nossas escolhas sobre o tema.

NOSSAS ESCOLHAS DOS LIVROS SOBRE AS QUESTÕES RACIAIS

A) A COR DE CORALINE. ALEXANDRE RAMPAZO.

Indicado ao prêmio Jabuti 2018/ PNLD Literário 2018. Editora: Rocco

Pequenos Leitores; Ilustração: do autor

1º ao 3º ano

Coraline ouviu de Pedrinho a pergunta que achou difícil: me empresta o lápis cor de pele? Aí começou a grande aventura da menina que ficou indagando qual seria a cor da pele. Ela olhou todas as cores de sua caixa de lápis de cor. Pequena, tinha apenas doze cores. Coraline repassou todas as cores e descobriu maravilhada que cada cor de pele é bonita, cada cor tem uma razão, cada cor significa uma pessoa, um jeito de ser. De cor em cor, ela percebeu que não importa o tom de pele, todos são iguais. E então também soube que linda é a cor de sua pele. Assim, Alexandre Rampazo mostrou a diversidade e a unidade deste mundo. As cores não servem para diferenciar, mas para tornar tudo mais belo. Imagine a monotonia de um mundo cheio de gente de uma cor só? A beleza é a multiplicidade. Daria para Rampazo fazer meninos e meninas com todas as cores do mundo? Fonte: BRANDÃO, Ignácio. 2017, quarta capa do livro.

B) A HISTÓRIA DE CHICO REI - BÉATRICE TANAKA.

Editora: SM; Ilustrações: da autora

Nesta narrativa da tradição afro-brasileira, transmitida de boca em boca desde o século XVIII, um rei africano e seus conterrâneos, escravizados numa mina de outro em Vila Rica unem-se para conquistar a alforria por meio do trabalho, da astúcia e da solidariedade. Recontadas aqui em palavras e imagens as peripécias desse herói negro são ainda acompanhadas por um texto sobre a história e o funcionamento das escolas de samba no Rio de Janeiro e um caderno de lembranças da autora, com desenhos dos anos 1950. Ali ela explica como conheceu Chico Rei, vindo depois a contar sua história num espetáculo teatral para crianças em livros e em CD. Fonte: quarta capa do livro

C) AS PANQUECAS DE MAMA PANYA. RICHARD E MARY

CHAMBERLIN. PNLD 2013-2015 /Obras Complementares; Editora:

SM; Ilustrações: Julia Cairns; Tradução: Cláudia Ribeiro Mesquita

Você sabia que no Quênia também se comem panquecas, ou *vikamati*, que é o nome delas na língua local? Pois é o que *Mama Panya* resolve fazer de jantar, para a alegria de seu filho, *Adika*! Juntos eles vão ao mercado comprar os ingredientes que faltavam para a receita. No caminho, um pouco da vida cotidiana, dos animais e da cultura de um vilarejo da costa leste da África. Fonte: quarta capa do livro

D) HISTÓRIAS DA PRETA. HELOISA PIRES LIMA.

Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ 1998. Editora: Companhia da Letrinhas; Ilustrações: Laurabeatriz

De que cor é a Preta?

Ela é marrom. É da cor dos olhos do pai dela.

De onde ela é?

Ela é daqui mesmo, do Brasil. Mas, de certo modo, veio do outro lado do oceano - - da África, a primeira casa das pessoas negras.

As *Histórias da Preta* falam de um povo que veio para o Brasil à força. Homens, mulheres e crianças que foram arrancados de suas terras e tiveram que trabalhar como escravos. Perderam toda a liberdade. No entanto, sobreviveram à escravidão e souberam fazer uma segunda casa: hoje, quase metade da população do Brasil tem origens africanas.

Como é ser negro aqui neste país? Faz diferença ou tanto faz? Uma recordação da infância, um conto sobre o deus que dormiu debaixo da árvore, um experiência de racismo, de história em história a Preta vai contando com quantas cores se faz uma pessoa negra. Fonte: quarta capa do livro

E) HISTÓRIAS AFRICANAS – ANA MARIA MACHADO.

PNLD Literário 2018; Editora: FTD Educação; Ilustrações: Laurent Cardon. 4º e 5º ano.

Grande parte das raízes brasileiras está plantada na África. Mas, de modo geral, muito pouco sabemos sobre as culturas desse continente que nos nutre. Contar histórias sempre foi

uma atividade muito prestigiada em diferentes lugares da África. Algumas foram aqui reunidas. Falam de animais e da natureza, ironizam os poderosos, retratam tradições milenares, denunciam males como a exploração do trabalho alheio e a escravidão. E apresentam um humor sutil e muito peculiar, lembrando seus origens orais, quase como uma piscadela entre contador e ouvinte. Venha descobrir Fonte: Machado, Ana Maria. 2018, quarta capa do livro

F) OBAX. ANDRÉ NEVES.

Prêmio Jabuti 2011; Editora: Brinque Book; Ilustrações: do autor

“QUANDO o sol acorda no céu das savanas, uma luz fina se espalha sobre a vegetação escura. O dia aquece, e é hora de descobrir muitas aventuras”

Fonte: quarta capa do livro – destaque do autor

G) GENTE DE COR, COR DE GENTE. MAURICIO NEGRO

Indicado ao prêmio Jabuti 2018 / PNLD Literário 2018; Editora: FTD Educação; Ilustração: do autor. 1º ao 3º ano

O livro pode ajudar o leitor a pensar nas características do mundo natural e social. A cada virada de página, é possível ver dois personagens: um tem a pele negra, o outro tem a pele de outra cor. Lado a lado, os rostos dos personagens expressam emoções, sentimentos e sensações, como fome, frio, medo, calor, raiva e alegria.

As imagens representam comportamentos que ajudam a refletir sobre como toda pessoa, independentemente de cor, sexo, etnia, credo, posição política, partilha questões fundamentais relacionadas ao que é essencialmente humano. Por estimular o respeito ao outro e ao reconhecimento da diferença, ao tratar questões como preconceito racial, tolerância e diversidade, esta obra também pode ajudar o leitor a pensar na descoberta de si mesmo.

Fonte: quarta capa do livro.

H) MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA. ANA MARIA MACHADO

Editora: Ática; Ilustração: Claudius

Uma linda menina negra desperta a admiração de um coelho branco, que deseja ter uma filha tão pretinha quanto ela. Cada vez que ele lhe pergunta qual o segredo de sua cor, ela inventa uma história. O coelho segue todos os ‘conselhos’ da menina, mas continua branco.

Fonte: <http://www.aticascipione.com.br/produto/menina-bonita-do-laco-de-fita-333> acesso em 7/07/2018

I) OMBELA – A ORIGEM DAS CHUVAS. ONDJAKI

(PNLD Literário 2018); Editora: Pallas Míni; Ilustração: Rachel Caiano

4º e 5º ano

Nesta história, Ondjaki aborda o mito que fala da “origem das chuvas”. Fala-se da deusa **OMBELA**, (“chuva”, em umbundu) De como o seu pai lhe ensinou a chorar. De como suas lágrimas eram salgadas ou doces. Esta é a estória de **OMBELA**, a que aprende a fazer chover usando as suas lágrimas. Pelo menos é assim que contam os mais velhos.

Fonte: quarta capa do livro, grifos do autor.

J) ZUMBI, O MENINO QUE NASCEU E MORREU LIVRE. JANAINA AMADO

PNLD Literário 2018; Editora: Ática Scipione; Ilustração: Gilberto

Tomé

4º e 5º ano

Ele havia nascido livre. Corria solto pela mata, subia em árvores, lutava capoeira e empinava pipas coloridas. Um dia, porém, foi capturado. Levado para longe de tudo e de todos, para um lugar totalmente desconhecido. No entanto, esse menino nunca se esqueceu de sua gente. Logo que teve uma chance, ele fugiu. Por meio da história de Zumbi dos Palmares, acompanhamos a história de um povo contra a escravidão e sua luta incansável pela liberdade. Um dia, o menino que nasceu livre, foi capturado e que, mesmo assim, voltou para seu povo lutando até o fim, se tornaria o líder pelo respeito ao ser humano e pela preservação dos valores pessoais. Fonte: quarta capa do livro

POR QUE QUESTÃO INDÍGENA?

Assim como com os afro-brasileiros, a história brasileira tem uma dívida com as populações indígenas, por isso buscamos através do presente trabalho livros de literatura que tratem da temática indígena. As populações indígenas, historicamente, foram retratadas de forma passiva e o Brasil apresentado nos livros de história como um país sem história antes da chegada dos portugueses, apresentados como os descobridores. A própria forma de nos referirmos aos povos que aqui já habitavam é equivocada, pois nos referimos a eles ainda hoje como “ os índios”, quando já é sabido pelas pesquisas que a população indígena é composta na verdade por diferentes etnias. Isso significa que entre ele há crenças, costumes, rituais, maneiras de ser e estar no mundo das mais diversas. Ao nosso ver, essa tentativa de homogeneização das culturas indígenas é um ponto que precisa ser corrigido pela escola. Através da literatura diversos autores, índios e não índios vêm buscando apresentar as diferenças culturais existentes entres os povos.

A esse respeito, cabe trazer as contribuições do artigo “*A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural*”, de Janice Cristine Thiél (2013). A autora nos esclarece a distinção existente três palavras muito próximas, mas que definem conceitos bem distintos, são elas indianista, indigenista e indígena. Indianista é definido como

(...) mais especificamente à literatura do período romântico brasileiro, voltado para a construção de uma identidade nacional. As obras desta literatura, escritas por autores não índios, colocam o índio como personagem, construído como herói ou vilão, dependendo de seu distanciamento da barbárie que sua cultura nativa representa e da sujeição à cultura do colonizador (THIEL, 2013, p. 1178).

A seguir a autora conceitua que “*as obras indigenistas são produzidas também por não índios e tratam de temas ou reproduzem narrativas indígenas*” (THIEL, 2013, p.1178). Já o conceito de produção indígena é aquela

(...) realizada pelos próprios índios segundo as modalidades discursivas que lhes são peculiares. As obras indígenas, voltadas para o público infanto-juvenil e para o público maduro, apresentam uma interação de multimodalidades: a leitura da palavra impressa interage com a leitura das ilustrações, com a percepção de desenhos geométricos, de elementos rítmicos e performáticos (THIEL, 2013, p. 1178).

Dessa forma, com a voz dos indígenas, mas também com a presença de obras de autores consagrados não indígenas, buscamos contribuir para formação de jovens que tenham amplo repertório cultural, que possam reconhecer diferentes forma de ser e estar no mundo e falar sobre a cultura, através da arte literária.

A autora destaca a presença da narrativa mítica nas produções indígenas, que mostra uma conotação diferente de outras narrativas “*o mito não é construção ficcional, mas construção social*” (THIEL, 2013, p. 1178), dessa forma está, segundo a autora, nas bases de suas relações sociais, para além da função de entreter.

Outro ponto destacado pela autora nas obras indígenas é a força das ilustrações nas obras: “*Há um enredo nos desenhos que lança o leitor para uma rede de significados forjados pela interação de palavra e imagem*” (THIEL, 2013, p. 1183). Assim ao trabalharmos com nossos alunos devemos ter o olhar atento para a função das ilustrações ao longo do texto, buscando encontrar os diálogos possíveis entre o que é palavra escrita e o que há de “dito” pelas imagens, para isso precisamos estar atentos a qualidade do projeto gráfico apresentado pela obra escolhida.

Outro artigo que fundamenta a pesquisa é o da pesquisadora Andrea Castelaci Martins (2016), “*A temática indígena na literatura infantil e juvenil – um percurso*”, no qual é traçado um panorama histórico da temática indígena na literatura infantil. A autora sintetiza que

No século XIX, durante o período romântico, com a necessidade da formação de uma identidade nacional, o indígena adquiriu o status na literatura de “bom selvagem”, segundo a concepção de Rousseau. Foi dessa forma, idealizado e caracterizado como portador das particularidades pertencentes aos cavaleiros medievais como a bondade, a coragem, a honra e a nobreza. Já no modernismo, serviu como símbolo da concretização de uma identidade nacional, ganhou voz e corporificou a brasilidade através da valorização da linguagem e da identidade cultural (MARTINS, 2016, p.121).

É notório que os interesses políticos, sociais e econômicos influenciaram, e ainda influenciam, a forma como o índio e a cultura indígena são postos na nossa sociedade e isso interfere na forma como ele é retratado na literatura brasileira. Nenhum lugar social é neutro, por isso consideramos fundamental que a discussão a respeito deste, e de outros temas que se referem a grupos excluídos, perpassem todo o trabalho da escola e não se restrinjam a datas comemorativas que tantas vezes se resumem a uma fantasia estereotipada e sem sentido para os alunos.

Ressaltamos que a oportunidade de falar da cultura indígena é algo que deveria ser considerado um privilégio, afinal, não há no mundo outras culturas como essas. Representada de forma genuína por seus próprios representantes e por pesquisadores honestos o mundo inteiro ganharia os conhecimentos construídos por esses povos.

Neste mesmo artigo Martins (2016), faz um destaque sobre Monteiro Lobato e a questão indígena

Lobato também soube abordar a temática indígena a seu modo, através da adaptação da crônica de Hans Staden, em 1927. Assim, ao tratar da figura do índio, Monteiro Lobato legítima em seu texto a importância do reconhecimento do outro, através de sua cultura (MARTINS, 2016, p.125).

Se temos com a cultura do outro um olhar legítimo e fugimos do olhar etnocêntrico conseguimos compreendê-lo melhor, afinal saímos do nosso

lugar, do nosso ponto de vista individualizado e reduzido. Acreditamos que alunos formados com conhecimento sobre a história e a cultura não aceitarão versões preconceituosas e unilaterais da história do nosso país, pelo contrário, com formação sólida para o respeito e a diversidade, eles mesmos poderão apresentar uma visão de mundo carregada de informações verdadeiras e com mais empatia sobre o lugar o outro e seus modos de se colocar no mundo.

Além de Lobato, Martins (2016) destaca o escritor Érico Veríssimo e a obra de 1937, “As aventuras de Tibicuera” pois *“pela primeira vez, nota-se um personagem indígena que tem voz ativa e é a figura principal e não apenas um personagem secundário, passivo”* (MARTINS, 2016, p.126-127). A autora faz diversas observações sobre sua obra que, segundo ela, traz as marcas ufanistas do Estado Novo. Há uma longa análise ainda dos anos 40 e 50 e autora aponta que a presença do índio *“alterna-se entre antagonista e personagem secundário agindo como ajudante dos protagonistas, e neste caso, é amigável, somente após ser catequizado”* (MARTINS, 2016, p.130).

A esse respeito, consideramos fundamental que as crianças conheçam a ação dos portugueses em nossas terras ao enviarem os Jesuítas para apresentar a fé católica aos índios e assim catequizá-los. Um total desrespeito à religiosidade dos povos, que tinham suas crenças, suas adorações e deuses já estabelecidos e tiveram que se submeter a práticas que não reconheciam como legítimas.

Martins (2016) analisa os anos de 1965 até 1980, apoiada em Lajolo e Zilberman (1986) destacando as muitas ações das políticas públicas voltadas para o incentivo à leitura e o impacto que estas tiveram no aumento da circulação e produção de livros no Brasil, inclusive provocar a reflexão sobre a qualidade do que é produzido, afinal, o aumento da venda de livros e o envolvimento de dinheiro público para sua compra movimentam um grande mercado que nem sempre parece estar atento a qualidade literária, uma questão com a qual precisamos estar alertas durante nossas escolhas.

Umas das escritoras destaca do final dos anos 70 e início dos anos 80 é Ana Maria Machado, com sua primeira obra voltada para o universo dos índios, o livro *Menino Poti*, de 1979 que traz para as crianças os hábitos dos índios, mas o personagem principal não faz parte de nenhuma etnia específica.

Ao analisar o período a partir dos anos 80 e 90, Andrea Castelaci Martins destaca políticas públicas que considera possível de terem influenciado a produção dos livros literários com temática indígena. A autora cita a lei 91.542 que institui o Programa Nacional do Livro Didático, a promulgação da nova Constituição Federal em 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que em “*seus artigos 78 e 79 abordavam as culturas indígenas previam a recuperação de memórias históricas, reafirmação de identidades étnicas e valorização desses povos*” (MARTINS, 2016, p. 135), e também a lei 11.645 que estabelece o ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

Nesse período, a autora cita diversos escritores que trataram da temática indígena como Luiz Galdino com a obra *Terra sem males* de 1985, que recebeu o Prêmio Jabuti, José Arrabal com o livro *Lendas brasileiras do Centro Oeste e Sul (vo2)*, indicado pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (2009), assim como o livro *Pindorama*, de Marilda Castanha, entre outros.

Uma das obras escolhidas por nós, antes da leitura do artigo, é citada pela autora. A obra de Luís Donizete Benzi Grupioni “*Viagem ao mundo indígena*”, da coleção Pawana, retratando hábitos, cultura e costumes de diferentes povos indígenas. Embora a autora considere a obra com intenção didático-pedagógica, a leitura traz valiosas informações sobre a cultura e os rituais indígenas o que além de propagar a cultura para os que a desconhecem são também uma fonte de registro importante, característica já esperada para um antropólogo.

Francisco Bezerra dos Santos, em *Leitura da literatura indígena na sala de aula: contribuições para o ensino* (2017) publicado pela Revista Científica

FASETE, aponta que a oralidade da literatura indígena como algo que cativa o leitor. Buscando assim apontar a importância dessa literatura nas escolas para formação dos leitores afinados com as questões indígenas. Também em Santos (2017) é apontado a transformação da produção da literatura indígena, ele afirma que

Por muito tempo em nossa tradição literária, o indígena foi descrito e ficcionalizado pelo o olhar do colonizador, no entanto, na contemporaneidade, o indígena começa a registrar sua própria história. As textualidades indígenas surgem por intermédio de representantes de etnias que utilizam a literatura como instrumento de divulgação dos seus costumes (SANTOS, 2017, p. 97)

É o caso de autor Daniel Munduruku. Suas obras são encontradas com facilidade nas bibliotecas e livrarias, permitindo assim que a oportunidade de ler um autor indígena ganhe mais facilidade. Em uma experiência profissional de aproximação e conhecimento da cultura indígenas na escola, tivemos a oportunidade de receber um membro de uma etnia indígena que conversou com as crianças e tirou dúvidas sobre a cultura e hábitos do seu povo. Além disso, a fotografia foi uma experiência positiva na divulgação dos costumes de diferentes povos, fotógrafos como Sebastião Salgado retrata momentos de vida cotidiana nas aldeias.

Neste trabalho vamos selecionar obras que foram escritas por autores indígenas e também não indígenas, afinal, existem autores consagrados como, Ana Maria Machado, que nos trazem também a oportunidade de conhecer narrativas sobre as lendas, histórias e culturas indígenas de forma rica, com alto qualidade literária e respeito a estes povos.

NOSSAS ESCOLHAS DOS LIVROS SOBRE CULTURA INDÍGENA

A) O CURUMIM PINTOR E OUTRAS HISTÓRIAS. SÂNZIO DE AZEVEDO (PNLD Literário 2018); Editora: Fundação Demócrito Rocha

Ilustração: Karlson Gracie; Categoria: ensino fundamental - 1º ao 3º ano

Era longa a distância e, quando ele pôde aproximar-se do inimigo, este já ia alcançando o topo da serra. Anajê retesou o arco e deixou partir uma flecha que rompe os ares. Mas, em vez de atingir Ariquê, a seta tupi furou o saco de farinha, e o resultado foi uma imensa nuvem branco se espalhando, levada pelo vento, e indo em direção ao céu. Tupis e cariris suspenderam o combate e ficaram olhando para o alto, encantados com o espetáculo que estavam assistindo, e que nunca ninguém havia presenciado antes. Desse dia em diante, de ponta a ponta, uma poeira luminosa vara o céu. Os homens brancos, muitos anos mais tarde deram a essa faixa esbranquiçada, que é como um caminho de pérolas de luz, o nome de Via Láctea. Fonte: quarta capa do livro.

B) AS AVENTURAS DE WIRAI. WILSON MARQUES

PNL D Literário 2018; Editora: Kit's Editora; Ilustração: Cibele Queiroz

1º ao 3º ano

A rica tradição oral dos Tenetehara, povo indígena que habita regiões amazônicas, é representada aqui por um conto marcado pela beleza e sensibilidade. Vertida para o cordel, a história narra a trajetória do pequeno Wiraí, que, depois de se perder da mãe em plena selva, recorre à ajuda nem sempre confiável dos animais da floresta para se salvar. Em uma jornada de perigos e aprendizados, o menino empreende a volta para casa.

Fonte: quarta capa do livro

C) A BOCA DA NOITE. CRISTINO WAPICHANA

Prêmio Jabuti 3º lugar na categoria infantil 2017 / Prêmio FNLIJ 2017 /

PNL D Literário 2018; Editora: Grupo Editorial Zit; Ilustração: Graça

Lima

4º e 5º ano

O que será que acontece quando o sol mergulha no rio? Será que ele toma banho antes de dormir? Depois disso, será que ele passa a noite dormindo dentro do próprio rio? Essas são algumas dúvidas que levam os irmãos Dum e Kupai a subir a

Laje do Trovão, o lugar mais perigoso da aldeia. E para aumentar a adrenalina, o pai conta a história da Boca da Noite. Kupai ficou se perguntando antes de dormir: será que essa boca tem dentes? Ela fala? Se tem boca, deve ter cabeça e corpo. Quer descobrir? Junte-se a Dum e Kupai nessa aventura inesquecível!. Fonte: apresentação do livro (no próprio livro)

D) COLEÇÃO PAWANA. VIAGEM AO MUNDO INDÍGENA. LUÍS DONIZETE BENZI. Grupioni (PNLD 2013 -2015 / Obras Complementares para o 3º ano)

A coleção Pawana reúne histórias sobre a sabedoria, as tradições, a vida cotidiana e os rituais dos índios brasileiros, procurando aproximar o leitor do universo cultural indígena. Ao ler essas histórias, você, que mora na cidade, poderá ter uma ideia de como é a vida aldeias. Pawana é um termo que em línguas Caribe designa o visitante, o amigo ou o parceiro de troca. Fonte: quarta capa do livro.

E) YVY PORÃ PORAU E O RIO DE MEL. ÂNGELA HOFFMANN.

PNLD Literário 2018. Editora: Mediação. Ilustrações: Dane D'angeli. 4º e 5º ano

A história deste livro se passa em Yvy Porã, um povoado indígena onde viviam pessoas vindas de várias aldeias e que foram perdendo seus parentes ao longo dos anos. Com o tempo, devido a uma crença espalhada na região, o que antes era abundante passou a ser para eles pouco e escasso. Quase nada tinham, quase nada sabiam, quase nada queriam, nem mesmo conseguiam mais ter seus filhos.

Dentre as mulheres, Jaci, certa noite, teve um sonho com uma abelha que lhe indagava onde estavam as crianças do povoado. Seu esposo Rayra então lhe pediu: “Teçá,” “olhos atentos”, pois uma mensagem importante parecia ter sido trazida pela pequena abelha para todos que lá moravam. E foi então, que Yvy Porã se transformou em Yvy Porã Porau. Fonte: quarta capa do livro

F) VOZES ANCESTRAIS. DANIEL MUNDURUKU

Prêmio Jabuti 2017 Categoria Juvenil – 2º lugar; Prêmio FNLIJ 2017 Reconto; Editora(s): FTD Educação

Daniel Munduruku costuma afirmar: “Escrevo para me manter índio”. Foi com essa motivação que o autor teve a ideia de procurar indígenas de dez povos e coletar os contos tradicionais transcritos nesta obra, trazendo para o leitor um pouco das crenças e tradições das populações que habitam o território brasileiro.

“Como o Sol ressuscitou o Lua” é uma destas histórias. E, não, você não leu errado: entre os Umutina, Lua é um substantivo masculino. Os Nambikwara contam como o fogo, que pertencia ao tamanduá-bandeira, foi roubado e distribuído entre todos os seres. Em “Os dois teimosos”, os Maraguá ensinam a importância de “não mexer nas coisas da floresta sem ter necessidade”.

Esta composição de textos é enlaçada pelos retratos que abrem cada capítulo, revelando pela imagem a identidade cultural de cada povo, na expressão facial, nos adornos e até mesmo nos instrumentos e objetos do dia a dia.

Fonte: quarta capa do livro.

G) FOI VOVÓ QUE DISSE. DANIEL MUNDURUKU

PNLD Literário 2018; Editora: Edelbra; Ilustração: Graça Lima; 1º ao 3º ano

Faz parte da tradição indígena ouvir os avós. Eles são considerados os sábios da comunidade porque costumam contar as histórias dos ancestrais. São os guardiões da memória e responsáveis por educar o espírito dos mais jovens. Ao contar histórias ou lembrar às crianças sua origem, os avós – homens e mulheres- não os deixam esquecer de onde vieram, para onde vão e qual o papel de cada um neste universo no qual nos movemos. É isso que o leitor irá encontrar neste novo e encantador livro escrito pelo premiado autor Daniel Munduruku, que nos presenteia com a magia e a sabedoria da cultura indígena. Fonte: quarta capa do livro

H) A ÁRVORE DE TAMOROMU – ANA LUÍSA LACOMBE

Prêmio FNLIJ/2014 de Melhor Livro de Reconto. Editora: Formato; Ilustrações: Fernando Vilela

Imagine-se uma árvore que nos desse todo tipo de alimento necessário para matar a fome. Será que se saberia reconhecer sua importância e cuidar para que ela nunca morresse? Quais seriam as consequências se não fosse respeitada? Isso é o que conta esse mito dos índios Wapixana usando como personagem principal uma cutia para lá de engraçada e preguiçosa, que descobre essa árvore mágica e não conta sua

descoberta para ninguém. As ilustrações em xilogravuras de cores fortes recriam o ambiente de uma floresta e de uma aldeia indígena. O livro contém um cd com narração feita pela autora.

Fonte: <http://blijj.catedra.puc-rio.br/index.php/2017/01/16/a-arvore-de-tamoromu/> acesso em 05/05/2019

I) POEMAS DA MINHA TERRA TUPI. MATÊ

PNLD LITERÁRIO 2018; Editora: Bico de Lacre; Ilustrações: da autora 1º ao 3º ano.

Jaguaré, jururu, pirão e pororoca... Toda criança brasileira, quando aprende a falar, aprende também um bocado de palavras de origem tupi. São palavras que falam da paisagem, dos bichos, das plantas e do jeito de ser da gente daqui. E não é que uma porção delas vieram passear nos versos singelos deste livro de poemas, esperando que o leitor as reconheça?

Fonte: quarta capa do livro

I) CATANDO PIOLHOS CONTANDO HISTÓRIAS. DANIEL MUNDURUKU

PNLD Literário 2018; Ilustrações: Matê; Editora: Escarlata; 4º e 5º ano.

Depois do banho no rio corríamos para casa, onde éramos recebidos com o saboroso alimento preparado por nossas mães. Assim, o dia passava mais de uma vez e nos deixava com saudade do dia seguinte. Nós- meus irmãos e eu- nos sentávamos, então, ao redor do fogo aceso no centro da casa para alimentar nosso corpo. Ali, contávamos para todos os adultos presentes tudo que havíamos feito durante o dia. Embora não parecesse, todos nos ouviam com atenção e respeito. Aquele era um exercício de participação na vida de nossa comunidade família. Fonte: Munduruku, Daniel, 2014, quarta capa do livro.

POR QUE AS DEFICIÊNCIAS E DIFERENÇAS?

Inicialmente, nossa proposta buscava observar apenas a questão da deficiência na literatura infanto-juvenil. Mas ao longo da trajetória profissional, observando as relações dos alunos com os livros e das discussões e reflexões feitas em sala de aula pelas leituras, ampliamos o olhar para as diferenças, portanto, nessas obras aparecem histórias que falam não somente sobre deficiências mas sobre a diversidade de maneira geral, sobre o ser diferente que provoca exclusões e sofrimento para tantas pessoas. Dessa forma esperamos contribuir para que os leitores formados na e pela escola percebem o preconceito presente em situações cotidianas e partir da leitura literária identifiquem e reflitam sobre as diversas formas de ser e estar no mundo. Essas discussões sobre respeito e cidadania precisam fazer em todos âmbitos da vida social, em todas as faixas etárias.

Buendgens e Carvalho (2016) afirmam que:

Sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural, entendemos que o preconceito é uma produção humana, estabelecida nas relações sociais e tem como base os meios desiguais de produção da vida (BUENDGENS, CARVALHO. p 592. 2016).

Ou seja, a realidade não é, ela está sendo. As realidades que vivem hoje foram historicamente construídas e, portanto, é possível transformá-las. Mas para que direção queremos essa mudança? A resposta para isso, principalmente para nós educadores, relaciona-se como a nossa concepção de mundo e de que cidadãos querem formar.

Buendgens e Carvalho (2016) analisaram o tratamento dado ao preconceito e as diferenças em 14 livros literários do Programa Nacional do Livro Didático de 2013. No artigo, fruto da dissertação de mestrado de Buendgens, as autoras trazem a definição de texto literário de Bragatto Filho (1995) “[...] são os seus leitores que, a partir do diálogo com o mesmo, lhe atribuem diferentes funções ou finalidades” (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 14 apud BUENDGENS E CARVALHO, 2016, p. 594), concordamos com o posicionamento, afinal assumimos aqui os livros como fonte de reflexão, de

questionamento e de formação nossa e de nossos alunos a partir uma relação de comunhão, troca, partilha de sentimentos e pensamentos trazidos pelo universo da leitura. As autoras trazem em seu artigo o conceito de *significativamente diferente* de Amaral (1998).

(...) ao desenvolver o conceito de *significativamente diferente*, nos ajuda a distinguir as simples diferenças, tal como preferência por uma cor, que embora sinalize uma dessemelhança, geralmente não são geradoras de situações conflitivas; das diferenças significativas, estas sim, bem mais complexas e comumente causadoras de embates (BUENDGENS, CARVALHO,2016, p 599)

Elas trazem o significado exato dado pela autora desse conceito “[...] *pressupõe a eleição de critérios, sejam eles estatísticos [...], de caráter estrutural/funcional (integridade de forma/ funcionamento), ou de cunho psicossocial, como o do tipo ideal*”. (AMARAL, p. 13, 1998, grifos do autor apud BUENDGENS & CARVALHO, 2016, p 599.) Infelizmente, a realidade nos mostra que a valorização destes tipos ideias tem justificado a exclusão daqueles que não se encaixam no formato idealizado. Entre os resultados apresentados pelas autoras, nos chama a atenção aquele que se refere à caracterização das diferenças:

(...) foi possível verificar que doze obras analisadas, ou seja, a maioria, apresentam diferenças significativas em suas histórias, e em duas obras são retratadas nos textos apenas diferenças simples. Embora tenha sido possível identificar com bastante clareza as diferenças significativas, percebemos que quando se fala em diferenças é usual misturá-las, e com isso diferenças simples e significativas se confundem nas histórias. Sendo assim, diferentes gostos ou preferências se misturam às diferenças significativas como as que envolvem a questão étnica ou de gênero, o que pode ser um indício da banalização do tema (BUENDGENS, CARVALHO,2016, p 603-604)

Justamente questões étnicas e de gênero são por nós neste trabalho pensadas para formação dos alunos. Outra discussão que as autoras trazem diz respeito a questão meritocracia, tão difundida na sociedade neoliberal que responsabiliza o indivíduo por suas conquistas ou fracassos, tirando o foco a realidade social e econômica na qual ele está inserido

As histórias analisadas estão marcadas pela ideologia dos méritos, na qual o personagem é apresentado como herói, que pelos seus esforços individuais supera as diferenças e as dificuldades provocadas por elas. Nesse sentido, mais uma vez verificamos que o individual se sobrepõe ao social no que diz respeito às diferenças. Percebe-se que, de acordo com o ideal dos méritos, as origens das diferenças são fundamentais nesse processo, pois os personagens possuem iguais oportunidades que podem ser superadas por meio do empenho individual. Essa constatação vai na direção oposta do que discutimos até aqui, pois individualiza questões que decorrem da estrutura da nossa sociedade, desresponsabilizando assim a sociedade mais ampla pelas formas de lidar com as diferenças e a produção de preconceitos (BUENDGENS, CARVALHO, 2016, p 604-605.)

A escola vem sendo provocada por seus próprios alunos a se posicionar sobre a questão das diferenças significadas. Nossos alunos nos provocam diariamente a refletir sobre pequenas práticas. Um exemplo simples que está na nossa prática diária é o esporte, no que tange a distinção e gênero, as meninas que querem jogar nos procuram, a nós professores, para mediar situações de conflito em relação a não aceitação dos meninos com sua participação.

Uma experiência profissional sobre essa questão nos parece ser relevante de estar aqui. No ano de 2017, a comunidade da Rocinha, no Rio de Janeiro, viveu dias de grande violência e as pessoas que ali vivem acabaram impedidas de sair e voltar para comunidade em segurança, o que impacta na rotina escolar. Naquela ocasião acabamos por suspender as provas que seriam aplicadas em função deste contexto. Estava nas nossas mãos a oportunidade de discutir com as crianças se aqueles colegas que moravam na comunidade

tinham tido as mesmas condições de preparar para a semana de provas do que aqueles não estavam na área de conflito. Não precisamos lançar a discussão, as colocações foram levantadas pelos próprios alunos quando avisamos que as provas estariam suspensas, eles mesmo trouxeram para sala de aula suas percepções sobre os fatos e uma compreensão da realidade cheia de empatia e compreensão da realidade que os alunos da Rocinha viviam.

A expressão produção de preconceitos é fundamental neste trabalho. Há um dizer mundialmente repetido que nos foi falado por Nelson Mandela *“ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele ou por sua origem, ou sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender”*. Da mesma forma que as crianças são ensinadas a odiar, podem, portanto, serem ensinada a amar e respeitar a todos, independentemente do quanto sejamos diferentes.

No artigo Literatura infantil e educação: ensinando através de personagens diferentes, de Maria Hessel Silveira e Edgar Kirchoh, 2016, publicado em Em Aberto. Os autores apresentam uma fase da literatura infantil durante o período Vitoriano, na Inglaterra, em que o

(...) conjunto das obras produzidas naquele contexto histórico e cultural, a deficiência adquire significados relacionados com a provação e a purificação espiritual. Consequentemente, várias obras literárias produzidas nesse âmbito estão repletas de papéis-de-sujeito que interpelam leitores a aceitar possíveis sofrimentos advindos de deficiências, doenças e infortúnios causados por acidentes como algo positivo e edificante (SILVEIRA & KIRCHOC, 2016, p.6)

É preciso também superar a visão romântica que ainda ouvimos de algumas pessoas e passar a compreender as necessidades reais e principalmente os direitos que tem a pessoa com deficiência. Não colocar a família da pessoa com deficiência como aquela que recebe uma oportunidade de evolução ou permitir que qualquer outra pessoa coloque aqueles pais na condição de super-heróis.

Temos que compreender a família e pessoa com deficiência como sujeitos de direitos que precisam que as garantias legais que existem no papel sejam de fato aplicadas na vida em sociedade, para isso o conjunto da sociedade precisa conhecer o aparato legal e a também as necessidades básicas diárias, para que também possa cobrar do poder público e dos outros cidadãos que ajam dentro das garantias legais as quais a pessoa com deficiência tem direito.

A escola é, mais uma vez, um lugar de oportunidades para esse exercício. Certo ano, tínhamos em uma turma regular um aluno com síndrome de Down. Ele era o único aluno com deficiência da classe, portanto ele era o único com direito a um Plano de Desenvolvimento Educacional Individualizado. Ele não fazia a mesma prova e dele não eram cobradas as mesmas habilidades que os demais alunos, ele saía da sala para fazer as avaliações em um lugar mais tranquilo para ajudar em sua concentração. Está aí dada mais uma oportunidade de formação, pois, obviamente, os alunos perguntavam o porquê do tratamento diferenciado dado ao aluno. Dizer aos alunos que ele tinha o direito de ser avaliado de maneira diferente, de explicar o que é um Plano de Desenvolvimento Educacional Individualizado, de que há essas e outras garantias legais a pessoa com deficiência é, na nossa concepção, uma oportunidade de formação indispensável.

No Brasil, os autores destacam bases legais que teriam favorecido o surgimento de uma literatura para diversidade. Eles citam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), e as leis 10.639/2003 e 11.645/2008 que tratam da cultura negra e indígenas nas escolas.

A partir de então, tem surgido um número crescente de obras nacionais cujos personagens protagonistas são negros, índios, pessoas com deficiências físicas ou psicológicas e sujeitos que, de alguma maneira, não se acomodam à norma ditada pelo senso comum. Em poucos termos, personagens diferentes têm se multiplicado nos livros infantis brasileiros desde então (SILVEIRA & KIRCHOC, 2016, p.7).

Os autores nos fazem um alerta sobre obras que são nitidamente preparadas para atender esse objeto e que estas carecem de qualidade literária, citam livros em que as questões que causam a diferenças são superadas, quando isso é possível. Para eles, há claro, obras que fogem a essas propostas e que *“investem em estruturas narrativas mais elaboradas, lançando mão de refinados recursos de estética literária”* (SILVEIRA & KIRCHOC, 2016, p.8). Esse é também nossa proposta ao buscar os livros que tratem das deficiências e diferenças: fugir de obras com cunho pedagogizante e clichês. Os autores de detém na análise de 3 livros sobre a cegueira que sejam *“sem lições explícitas sobre convivência, respeito, habilidades compensatórias ou outros clichês”* (SILVEIRA & KIRCHOC, 2016, p.10) e que nós aqui assumimos como critério de escolha de nossos livros, não só para a questão da cegueira, dentro destes critérios os autores escolheram três que não estão em nossa lista mas que consideramos importante serem aqui mencionadas: *O livro negro das cores*, de Menena Cottin e Rosana Faría; *O perfume do mar*, de Jonas Ribeiro e Márcia Széliga e *A mulher que lia com as mãos*, de Júlio Emílio Braz. A respeito da cegueira, abrimos um parêntese para comentar a presença cada vez maior dos pisos táteis nos espaços públicos, inclusive nas escolas. Mas para os videntes esse caminho é vazio de significado, eles não conseguem “ver” como a pessoa cega o “ enxerga”, uma prática que pensamos ser relevante é deixar todos da escola ciente do seu funcionamento e da sua importância. Dentro da escola já tivemos a experiência de presenciar colegas usando a “linha amarela” como forma de fazer os alunos videntes entrarem em fila para se deslocarem pela instituição, esvaziando assim qualquer significado real do real motivo de ter sido colocado ali e de que maneira atende as pessoas cegas que dele necessitam para se deslocar pelos espaços. Uma criança ciente do funcionamento e da importância desse recurso, ao sair às ruas vai estar educando os demais para que não usem o piso tátil de forma equivocada, por exemplo, em calçadas onde se forma uma fila na parada de ônibus e os passageiros param em cima dele.

NOSSAS ESCOLHAS DOS LIVROS SOBRE DEFICIÊNCIAS E DIFERENÇAS:

A- AMARÍLIS. Eva Furnari

PNLD Literário 2018. Ilustração: Gonzalo Cárcamo. Editora: Moderna.

4º e 5º ano

Luísa e o irmão Tiago inventaram um jogo com uma regra simples: abriam um livro ao acaso, se caísse numa página com texto, ela o li para ele, se fosse imagem, ela teria que descrevê-la e explicá-la apenas com palavras. Por muitos anos eles se divertiram e se emocionaram com esse jogo. Foi assim que Luísa começou a inventar histórias e foi assim que iluminou o mundo de Tiago. Fonte: quarta capa do livro.

B- ALGUÉM MUITO ESPECIAL. MIRIAM PORTELA

PNLD Literário 2018. Ilustração: Odilon Moraes. Editora: Avalia

Educacional. 4º e 5º ano

Tico deseja ardentemente ter um irmão. Um dia, seu desejo se concretiza e o China entra em sua vida. Mas como aprender a conviver com aquele companheiro que não responde às suas brincadeiras? Aos poucos, numa linguagem que nasce do fundo do coração, que dispensa as palavras e gestos, Tico aprende a compreender seu irmão excepcional. Surge uma bonita cumplicidade entre eles. Tico descobre que cada pessoa, por mais diferente que seja é um universo luminoso e nos ensina a descobri-lo. Fonte: quarta capa do livro.

C- DIVERSIDADE – TATIANA BELINKY

PNLD Literário 2018. Editora: FTD Educação. Ilustração: Gilles

Eduar. 1º ao 3º ano.

Os poemas de *Diversidade* ajudam a perceber que as características físicas, as personalidades, as crenças e os costumes das pessoas variam. A soma de todos nós que faz o mundo melhor. Essa percepção contribui para a descoberta de si e ajuda a pensar o mundo natural e social e nas relações em esferas como a escola e a cidade. Fonte: quarta capa do livro.

D- A HISTÓRIA DE PPIBI. SONG JIN-HEON

PNLD Literário 2018; Editora: Positivo. Ilustração: do autor.

Tradução: Alexandre Koji. 4º e 5º ano

Esta é uma história de quando eu era bem pequeno. Havia um menino chamado Ppibi. Ppibi estava sempre sozinha. Porque as outras crianças o evitavam. Um dia eu me tornei a única companhia de Ppibi. Depois de um tempo, as crianças passaram a me evitar também. Fonte: quarta capa do livro.

E- BOM MESMO É CORRER!. JO HOESTLANDT

PNLD Literário 2018. Editora: Dimensão. Ilustrador: Mariângela Haddad.

Tradução: Ana Caroline Oliveira. 4º e 5º ano.

Que surpresas nos reserva a história – cheia de humor, mas tão emocionante e verdadeira - desses dois adolescentes, Daphne e Johnny, aparentemente diferentes em tudo? Por que, vindos de tão longe, eles parecem viver entre nós e nos segredar tristezas e sonhos, que testemunhamos, aqui, tantas vezes?

Como nas melhores leituras, esta novela, criada especialmente para adolescentes, tem muitos convites para ser lida e, entre risos e ternuras, se revisitada, para novas e muitas descobertas.

Fonte: prefácio do livro.

F- UM LUGAR PARA EDUARDO. DIANA TOLEDANO

PNLD Literário 2018. Editora: Champagnat. Ilustração: Diana Toledano

Tradução: Cristóvão Tezza. 1º ao 3º ano.

Ser alçada ao posto de irmã mais velha não é fácil. Ainda mais quando o novo bebê nasce com alguma deficiência e requer cuidados extras e atenção redobrada dos pais. Um misto de sentimentos toma conta da menina que conta a história desse livro. Eduardo ocupou o lugar dela sem pedir licença. Mas, ainda que não entenda porque o irmão chora e se agita tanto,

ela quer encontrar um lugar para ele em sua vida. Eduardo é especial. A menina também é especial. Cada um à sua maneira. *Um lugar para Eduardo* revela com sensibilidade e poesia, que um irmão, seja ele como for, é um amigo para a vida toda. Fonte: quarta capa do livro.

G- O MENINO QUE FLORESCIA – JEN WOJTOWICZ

PNLD Literário 2018. Tradução: Maria Luiza X. de A. Boges

Editora: Moitará. Ilustração: Steve Adams. 4º e 5º ano

Todos concordam que a família de Vicente é esquisita, e ele é o pior de todos: nas noites de lua cheia, brotam flores de seu corpo. De manhã, sua mãe poda os botões para ele ir à escola. Vicente gosta de estudar e de pensar e, por ser tão estranho, as crianças o ignoram. Angelina, sua colega, não entende por quê. Afinal, não é a diferença que torna as coisas especiais? Fonte: quarta capa do livro.

H- BRUNO E JOÃO. Jean-Claude R. Alphen

PNLD Literário 2018. Editora: Eureka. Ilustração: do autor. 1º ao 3º ano

Eles nunca, nunca brigavam. Fonte: quarta capa do livro.

I- NO MEIO DA NOITE ESCURA TEM UM PÉ DE MARAVILHA! –

Ricardo Azevedo. Prêmio Jabuti 2º lugar na categoria Infantil, 2003/

Altamente Recomendável FNLIJ; Editora: Ática; Ilustração: do autor

Era uma vez uma porção de histórias que o tataravô contava para o bisavô, que contava para o avô, que contava para o pai... que começou a parar de contar. São histórias que falam da existência, espalham brilho e magia em qualquer lugar ou época, e ainda assim estão ameaçadas de se perderem. Mas, antes que desapareçam no meio da noite escura, Ricardo Azevedo, como estudioso nosso folclore e bom contador de histórias, escolhi algumas das mais belas e escreveu do jeito que todo mundo gosta, como um pai conta para o filho. Fonte: quarta capa do livro

J- CARTAS DE UMA GIRAFA CHAMADA JOSÉ. MEGUMI IWASA

Editora: WMF Martins Fontes; Ilustrações: Jun Takabatake

Tradução: Monica Stahel

José era uma girafa solitária que morava na savana africana. José Girafa vivia entediado, porque não tinha amigos e passava o dia todo sem ter o que fazer. Um dia, ele escreveu uma carta e pediu que o pelicano a entregasse ao primeiro animal que encontrasse “do outro lado do horizonte”. A carta acaba nas mãos de um pinguim, que, mesmo sem entender nada, decide responder e iniciar uma correspondência. Fonte: quarta capa do livro.

POR QUE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE?

Nesse tópico a escolha é por livros que enaltece o papel da mulher na sociedade. A busca se deu por obras que mostrassem a liberdade de escolha das mulheres e sua capacidade de transformar o mundo no qual vivemos. Assim, as obras escolhidas mostram a mulher em espaços nos quais tem sido negada, como na política por exemplo, sendo voz ativa e trazendo transformações para a sociedade.

Em nosso país, o direito ao voto feminino só foi alcançado em 1932, ou seja, há entre nós uma geração de mulheres que ao nascerem estavam em uma sociedade na qual sua participação na escolha do destino político do país era negada. Para nos ajudar a compreender a importância de discutirmos e trazermos, através da literatura, o enaltecimento do papel da mulher na nossa sociedade, destacamos a leitura da obra de Hildete Pereira Melo e Débora Thomé, “Mulheres e poder: histórias, ideia e indicadores”, de 2018. No início do segundo capítulo “*As mulheres na história mundial*” as autoras começam nos chamando atenção para a invisibilidade das do sexo feminino ao longo da história:

Seria preciso voltar muitos séculos, milênios, e deles trazer Hipátia, Cleópatra, Joana D'Arc, entre tantas outras para fazer jus ao papel das mulheres na história das civilizações. Uma participação da qual muito pouco se sabe, tanto porque as mulheres estavam confinadas principalmente em seus lares, como também devido aos poucos registros de suas ações (MELO, THOMÉ, 2018, p. 20).

No século 20, Simone de Beauvoir (publicado no Brasil em 1980), escreveu “O segundo sexo”, nele continha a sua frase famosa feminista, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. Ela conclui que as definições sobre a feminilidade estavam sendo usadas para subjugar a mulher. Todos estes conceitos são produzidos pelo homem em determinado tempo histórico. É a primeira filósofa a defender a distinção entre sexo e gênero, deixa claro que a Biologia não é um destino, e que existe uma educação que é imposta às mulheres para serem inferiores e submissas aos homens. Estes questionamentos revolucionaram a posição da mulher na sociedade e no encontro da sua sexualidade que até então era culturalmente e socialmente organizados pelo enfoque masculino (BEAUVOIR, 1980).

A escolha das obras se pauta, portanto, em dar às crianças conhecimento de mulheres importantes ao longo da história e dar principalmente às meninas a inspiração para buscar se exatamente aquilo que elas sonham e desejam, reconhecendo assim sua potencialidade e o conhecimento de que antes da realidade ser o que é hoje, muitas mulheres lutaram pelas conquistas de direitos dos quais as gerações atuais podem usufruir, embora ainda haja muito trabalho a fazer.

No documento *Relatório anual socioeconômico da mulher*, 2018, elaborado pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres há uma análise sobre a participação das mulheres no poder. O documento coloca a participação das mulheres como um desafio a ser vencido. Destaca a lei 12.034/2009 que estabelece um percentual mínimo de candidaturas de

mulheres para eleições do poder legislativo. Mas que a lei, infelizmente, ainda não garante o aumento significativo de mulheres ativas na vida pública:

Apesar de ter gerado efeitos positivos, a lei não foi suficiente para alterar a realidade e gerar mudanças significativas na estrutura desigual de poder no Brasil. Na Câmara dos Deputados, 9,9% das cadeiras são ocupadas por mulheres, enquanto no Senado; o percentual é de 13,6%. O Brasil é o país com menor proporção de mulheres no Parlamento, considerando a América do Sul (SPM,2018, p. 38).

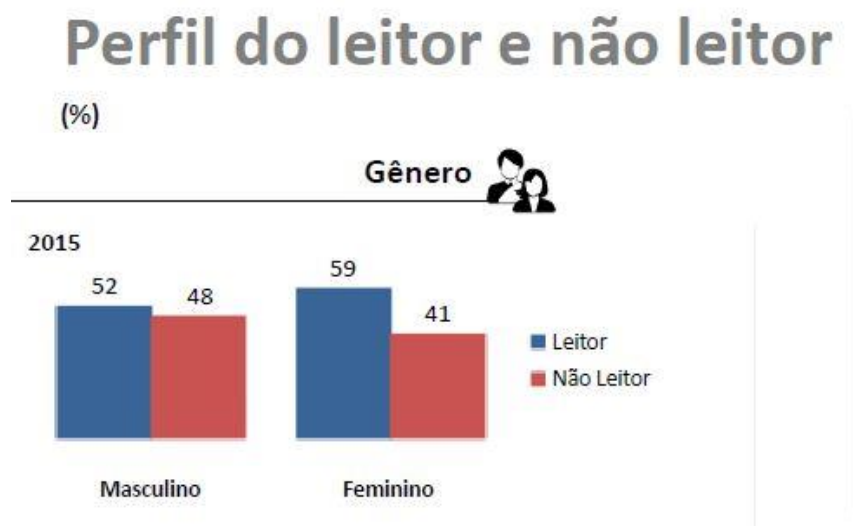
A importância dessa participação das mulheres nos espaços de poder também é destaque no *Plano Nacional de Políticas para as Mulheres de 2013-2015*, da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, no qual afirma-se que

A construção de uma sociedade justa e democrática passa necessariamente pela igualdade entre mulheres e homens. Hoje, todas as organizações internacionais e acordos entre os países indicam como recomendações a ampliação da presença das mulheres nos espaços de poder e de decisão, assim como a implementação de medidas que favoreçam e contribuam para a participação das mulheres como um importante aspecto da construção cidadã. Exemplos disso são as recomendações da Convenção para Eliminação de Todas as Formas de Discriminações Contra a Mulher (Cedaw), as Conferências Internacionais do Cairo, Beijing, Durban, entre outras (BRASIL, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013, p. 52).

Para além das duas realidades retratadas, de invisibilidade histórica e de baixa participação no cenário político, diversas outras questões culturais e sociais permeiam a luta das mulheres por direito, respeito e cidadania, como a violência doméstica, o feminicídio e a disparidade salarial entre homens e mulheres. Poderíamos ainda ampliar o debate para a questão da mulher negra, que sofre dupla opressão: por seu gênero e sua cor.

Dados publicados pelo Instituto Pró-Livro nos mostram o seguinte cenário acerca do gênero quando se analisa o perfil do leitor e do não leitor²; conforme é apresentado na figura 2:

Figura 2: Perfil do leitor e não leitor. Fonte:



[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)

Podemos observar uma predominância do gênero feminino na população leitora em nosso país. A pesquisa de Buendgens & Carvalho traz um dado interessante a respeito do gênero dos personagens dos livros analisados, comparativamente a outra pesquisa, Venâncio (2009), anterior a delas:

Em relação à caracterização dos personagens, pode-se perceber que a maioria das obras apresenta o personagem principal como sendo uma criança (13 obras), de cor branca (10 obras), do sexo feminino (9 obras) e natureza humana (12 obras). Os estudos de Venâncio (2009) e outros pesquisadores anteriores a ela, mas pela mesma autora referenciados, apresentam a prevalência de personagens brancos e do sexo

² A publicação dos resultados da pesquisa encontram-se disponíveis em:

[http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)

masculino na literatura infantil (BUENDGENS, CARVALHO, 2016, p 602).

Outro dado interessante a esse respeito que trazido pelo Instituto Pró-Livro é a respeito da influência para a leitura³, que se encontra na figura 3.

Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura

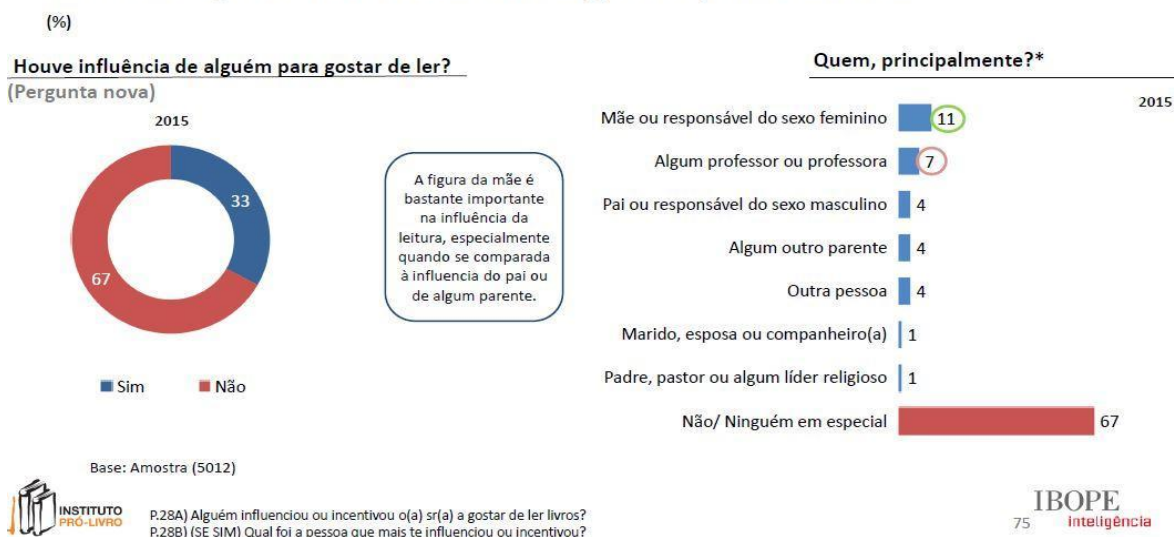


Figura 3: Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura. Fonte: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)

Embora a maioria dos entrevistados diga não ter havido influência quanto ao gosto pela leitura, para os que houveram a principal figura é do sexo feminino.

Face a este cenário de luta, nossas armas para a formação humana para os direitos e o respeito a todas as mulheres, seleciona 10 livros de literatura infanto-juvenil que favoreçam estes avanços.

³ Publicação dos resultados da pesquisa encontram-se disponíveis em: [http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil - 2015.pdf](http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf)

NOSSAS ESCOLHAS SOBRE O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

A- 50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer. Débora Thomé. (Finalista do prêmio Jabuti 2018); Editora: Record

Ilustração: Carol Carvalhal, Chiquinha, Eva Uviedo, Fernanda Nia, Fran Junqueira, Jana Magalhães, Julia Lima, Juliana Fiorese, Juliana Rabelo, Laura Athayde, Manu Bezerra, Mariana Cagnin, Mônica Crema, Rafamon, Sandra Jávera, Sirlanney e Carla Irusta.

Querida leitora, querido leitor, o livro que você vai ler agora foi preparado, principalmente com amor. Um monte de mulheres que gostava muito de pesquisar, ler, escrever, desenhar e pintar se juntou e construiu os textos ilustrações destas páginas. Nelas, vocais descobrir histórias pouco conhecidas de mulheres fabulosas, fenomenais, fantásticas que, apesar das dificuldades, transformaram o Brasil e, às vezes, até mesmo o mundo. São todas grandes brasileiras de nascimento ou de coração. Para chegar a essas histórias, foram muitos livros, documentários, músicas, filmes, poemas, consultas na internet, entrevistas com pessoas sabidas. E uma pitadinha de imaginação. Fonte: Apresentação do próprio livro .

B- A PRINCESA QUE ESCOLHIA . Ana Maria Machado.

Altamente recomendável FNLIJ – 2006; Editora: Alfaguara

Ilustração: Mariana Massarani

Era uma vez uma princesa muito boazinha, muito bem-comportada, que vivia num lindo castelo. Um dia, a princesa disse “não”, e aí começa a nossa história, pois o rei, que era o mandachuva, não gostou nada da atitude da filha e resolveu deixá-la de castigo na torre do palácio. E não é que o que parecia um castigo se revelou uma baixa sorte? Não deixe de acompanhar as peripécias da princesa de Ana Maria Machado, essa menina nada maria-vai-com-as-outras que surpreendeu todo o reino com as suas escolhas. Fonte: quarta capa do livro.

C- LEILA MENINA. Ruth Rocha

Editora: Nova Fronteira; Ilustração: Mariana Massarani

Você vai se encantar com a história de Leila, uma garota sapeca de Ipanema, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. Ela vive em plenos anos 1960 e não entende porque as meninas não podem jogar bola nem ir ao colégio de calças compridas. Ela, suas primas e suas amigas resolvem se unir e lutar pela liberdade. Fazem passeatas, cartazes e inventam um monte de coisas. Os tempos eram difíceis, mas elas lutaram pelos seus direitos e fizeram de suas vidas uma animação só. Com este livro você vai poder conhecer um pouco mais de nossa história e de nossa gente. Fonte: quarta capa do livro.

D- MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA. Adriana Carranca. Premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil em 2016.

Editora: Companhia das Letrinhas; Ilustração: Bruna Assis Brasil

Malala Yousafzai quase perdeu a vida por querer ir para a escola. Ela nasceu no Swat, no Paquistão, uma região de extraordinária beleza, cobiçada no passado por conquistadores, como Gengis Khan e Alexandre, o Grande, e protegida pelos bravos guerreiros Pashuns – os povos da montanha. Foi habitada por reis e rainhas, príncipes e princesas, como nos contos de fada. Malala cresceu entre os corredores da escola de seu pai, Ziauddin Youafzai, e era uma das primeiras alunas da classe. Quando tinha dez anos viu sua cidade ser controlada por um grupo extremista chamado Talibã. Armados, eles vigiavam o vale noite e dia, e impuseram muitas regras. Proibiram a música e a dança, baniram as mulheres das ruas e determinaram que somente os meninos poderiam estudar. Mas Malala foi ensinada desde pequena a defender aquilo em que acreditava e lutou pelo direito de continuar estudando. Ela fez das palavras sua arma. Em 9 de outubro de 2012, quando voltava de ônibus da escola sofreu um atentado a tiro. Poucos acreditaram que ela sobreviveria. A jornalista Adriana Carranca visitou o vale do Swat dias depois de atentado, hospedou-se com uma família local e conta neste livro tudo que viu e aprendeu por lá. Ela apresenta às crianças a história real dessa menina que, além de ser a mais jovem ganhadora do prêmio Nobel da paz, é um grande exemplo de como uma pessoa e um sonho podem mudar o mundo. Fonte: quarta capa do livro.

E- AS CIENTISTAS: 50 MULHERES QUE MUDARAM O MUNDO. Rachel Ignatofsky. Editora: Blucher; Ilustração: do autor; Tradução: Sonia Augusto

Recheado de ilustrações encantadoras, *As cientistas* destaca as contribuições de 50 mulheres notáveis para os campos da ciência, da tecnologia, da engenharia, e da matemática desde o mundo antigo até o contemporâneo, além de trazer infográficos sobre equipamentos de laboratório, taxas de mulheres que trabalham atualmente em campos de ciência e um glossário científico ilustrado. Entre as perfiladas estão figuras bem conhecidas, como a primatóloga Jane Goodall e a química Marie Curie, e outras nem tanto, como Katherine Johnson, física e matemática afro-americana que calculou a trajetória da missão Apolo 11 de 1969 à lua. *As cientistas* celebra as realizações das mulheres intrépidas que abriram o caminho para a próxima geração de engenheiras, biólogas, matemáticas, médicas, astronautas, físicas e muito mais!
Fonte: quarta capa do livro

F- CHAPEUZINHO AMARELO. Chico Buarque

Selo de “Altamente Recomendável” (1979) FNLIJ. Prêmio Jabuti (1998) categoria Ilustração. PNLD Literário 2018; Editora: Autêntica; Ilustração: Ziraldo. 1º ao 3º ano.

Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho,. Já não ria. Em festa, não aparecia. Não subia a escada, nem descia. Não estava resfriada, mas tossia. Ouvia conto de fada e estremecia. Não brincava de mais nada nem de amarelinha.
Fonte: Buarque, Chico, 2018. quarta capa do livro

G- PINÓQUIA. Jean Claude

PNLD Literário 2018. Editora: Melhoramentos. Ilustração: do autor. 1º ao 3º ano.

Pinóquio realizou o seu sonho e já é um menino de verdade. Para que ele não fique só, seu pai, Gepeto, lhe faz três irmãos com um com seu sonho: Júnior quer ser de plástico... Segundo quer se músico. Já a pequena Pinóquia... quer ler, estudar e

aprender de tudo. A Fada Azul vai ter muito trabalho para atender os pedidos e entender que cada um faz as próprias escolhas na vida.

Fonte: quarta capa do livro.

H- COISA DE MENINA OU COISA DE MENINO? Pri Ferrari

PNLD Literário 2018. Editora: Bonifácio; Ilustração: da autora. 1º ao 3 ano

O que é coisa de menina? E de menino? Ora, isso é algo que toda criança deveria saber muito bem. Afinal, é na infância que a gente percebe que não existe regra que todo mundo pode tudo: tem menino de coisa de brinca de casinha, tem menina que gosta de construir foguete. Por que, então, temos que nos adaptar a certos padrões de comportamento? Por que ainda dizem por aí que existem coisas que não são apropriadas para garotas ou para garotos? Este livro é para todos aqueles que acreditam na liberdade como a melhor escolha- e que tem certeza de que juntos, meninas e meninos farão muito mais e melhor.

Fonte: quarta capa do livro

I- ABCDelas. Janaina Tokitaka

Editora: Pallas; Ilustrações: do autor

A de aviadora, B de bióloga, C de chef de cozinha...Este é um abecedário de profissões! Mas, mais do que isso, é também um alfabeto que conta a história de mulheres pioneiras em diversas áreas do conhecimento.

Como foi a vida de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista afrodescendente do Brasil? E a de Elizabeth Blackwell, a primeira mulher a exercer a medicina?

Você vai conhecer muito mais sobre elas e muitas outras por meio das histórias emocionantes que Janaína Tokita conta e ilustra neste livro. Fonte: quarta capa do livro

J- HISTÓRIAS DE NINAR PARA GAROTAS REBELDES. Elena Favilli & Francesca Cavallo;

Editora: V&R; Ilustração: 60 ilustradoras diferentes; Tradução: Carla Bitelli, Flávia Yacibian & Zé Oliboni.

Que essas valentes mulheres inspirem vocês inspirem vocês. Que os retratos delas imprimam em nossas filhas e filhos a profunda convicção de que a beleza se manifesta em todas as formas, cores e idades. Este livro reinventa fábulas e apresenta a vida de 100 mulheres extraordinárias, de Elizabeth I a Malala Yousafzai, ilustrado por 60 artistas de todo o mundo, *Histórias de ninar para garotas rebeldes* foi o mais bem-sucedido projeto de financiamento coletivo da plataforma Kickstarter na categoria de publicações.

Fonte: quarta capa do livro.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Nossa intenção no início desta caminhada era de testar pelo menos quatro atividades a respeito dos temas, uma para cada tema. Mas, infelizmente, o tempo não foi suficiente para tal. Então deixamos aqui registradas as ideias pensadas por nós, para que no futuro os que tiverem acesso ao trabalho possam usar como inspiração ou de fato aplicá-las. Reforçamos aqui nossa esperança no papel da literatura como fonte de formação para o respeito e a inclusão.

Oliveira (2010) nos alerta que a escola faz escolhas literárias que afastam as crianças de questões polêmicas, limitando-as a leitura que entretém, nossos livros se propõem justamente ao contrário, e nossas atividades buscam a reflexão de temas difíceis, mas que fazem parte da realidade de cada criança pois:

Como a leitura entre as crianças estimula sempre o diálogo, as trocas de experiências de vida, os gostos e desgostos, a literatura ultrapassa os limites escolares, pois com seus temas é capaz de contribuir para ajudá-las a vivenciar e entender sua interioridade e sua inserção na cultura literária (OLIVEIRA, 2010, p. 42)

Em tempo de intolerância, divisão e dificuldade de diálogo com o diferente nos parece fundamental usar a potencialidade da literatura para

propor o diálogo, o debate e o compartilhamento de ideia e experiências. Quanto maior for a diversidade de temas dos livros literários disponíveis para crianças, maior serão as oportunidades de trabalhar com essa pluralidade que encontramos na nossa sociedade e colocar as diferenças como algo que nos une e não que nos afasta.

Oliveira nos faz uma recomendação que orientamos seguir aqui:

O momento literário deve proporcionar às crianças um contato generoso com o livro. Sempre que for contar, ler ou assistir (são inúmeros os filmes produzidos a partir de textos literários), permitir que as crianças saiam das carteiras escolares e fiquem à vontade para usufruir da história. Um ambiente confortável contribui para a criança se entregar ao enredo da história (OLIVEIRA, 2010, p. 47)

Aqui fica um alerta para que nós não tomemos a literatura como uma obrigação formal. Assim consideramos que as atividades propostas não devem ser um cunho de avaliação formal, pontuação e que não se permita que as propostas ganhem uma conotação de obrigatoriedade “se não eu perco ponto”. Não é nossa proposta transformar a literatura em algo avaliativo que conte pontos para média ou que seja usado para criar um ranking entre os alunos. Nossa intenção é formativa, fundamentada sim em preceitos teóricos, porém não tem o objetivo de transformá-la em mais um instrumento de avaliação da escola, não certo e errado nessa relação que estamos propondo, mas sim transformação e construção entre todos os sujeitos envolvidos nas atividades.

Oliveira (2010) destaca ainda a importância do gestual e da entonação da voz ao longo das leituras para favorecer o envolvimento do leitor, além de conhecer previamente a história. E nos faz uma orientação para guiar as escolhas das obras:

Para que o trabalho de mediação do professor, entre a literatura e as crianças, seja eficaz, será necessário que ele leia com atenção as obras como um leitor comum, deixando-se levar espontaneamente pelo texto, sem a priori pensar em sua

utilização na sala de aula. Somente após ter lido a obra e sentido o que ela pode oferecer é que o professor poderá planejar sua atuação no momento da atividade de leitura. Se ele próprio não se entusiasmar com a obra, deve ir em busca de outra. Uma obra que não emocione deve ser descartada (OLIVEIRA, 2010, p. 48)

Uma das nossas estratégias ao montarmos as oficinas é nos utilizarmos das chamadas rodas de conversas, esta já era uma prática do trabalho diário na sala de aulas, mas ao buscar fundamentação teórica sobre essa prática, encontramos as autoras Queiroz e Figueiredo (2012), que utilizaram essa metodologia em seus trabalhos de pesquisa e publicaram um artigo a respeito desse tema intitulado *A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo*, elas trazem as definições do conceito de rodas de conversa dos autores Mélo *et al.* (2007) e Afonso e Abade (2008):

De acordo com Mélo *et al.* (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro (QUEIROZ & FIGUEIREDO, 2012, p. 1-2.)

Já para Afonso e Abade, as autoras sintetizam que

Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da educação e seu fundamento metodológico se alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves (QUEIROZ & FIGUEIREDO, 2012, p. 2.)

Em uma de nossas experiências anteriores ao mestrado, trabalhamos em sala de aula com uma das versões do livro *O Fantasma de Canterville*, obra

original de Oscar Wilde. Nossa proposta era a leitura compartilhada, ou seja, a cada dia líamos um capítulo ou mais, a depender do interesse e do fôlego da turma, e compartilhamos sobre nossas impressões sobre as atitudes das personagens, ao longo da leitura dos alunos tinha um panorama amplo sobre as características das personagens e o porquê de suas atitudes. Ao final do trabalho, os alunos montaram um vídeo de recomendação da obra para outras crianças, alguns chegaram a publicá-los na internet.

Um trabalho que proporcionou o debate, fomentou a leitura e os colocou em destaque, em posição de influenciadores e críticos da obra pois ao montar o vídeo precisaram organizar suas considerações sobre o livro, observando prós e contras da leitura.

Nesse projeto de leitura, ficou evidente um ponto importante: saber a hora de parar, tornar aquele momento cheio de expectativa para o dia seguinte. Muitas vezes eles queriam que a leitura continuasse, mas não íamos adiante justamente para guardar esse momento precioso para o que viria a seguir para o outro dia. Era sabido que alguns levavam o livro escondido para casa na intenção descortinar o que viria a seguir, mas nunca foram repreendidos por isso, sabíamos, mas fingíamos não saber para incentivar a proximidade entre leitor e livro, afinal, é justamente essa relação íntima com a literatura que queremos fomentar.

Diante do exposto sobre nossos posicionamentos ao elaborarmos as oficinas, seguem nossas sugestões de trabalho com 8 livros da nossa lista.

PARA A QUESTÃO RACIAL

ATIVIDADE I

Livro: A história de Chico Rei, de Béatrice Tanaka

Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental.

Proposta: leitura, discussão, atividade de expressão plástica, reconhecimento de si e do outro, respeito e conhecimento das diferenças.

Materiais: papéis, computador, internet, celular.

Materiais: papel A3, tecidos de chita, massinha, lã, cola, tesoura

Etapas:

- 1- Leitura coletiva da obra
- 2- Roda de conversa para reflexão:
 - O que vocês acharam da história, qual a intenção do autor do livro e ao falar sobre o tema?
 - Você acha importante falarmos sobre isso na escola? Por quê?
 - Você já ouviu falar da personagem trazida pela história?
 - Avaliação que fazer sobre história e carnaval
- 3- Mãos à obra: Vamos propor que os alunos busquem sambas enredos que destaquem a vida, obra e história de personalidades negra. Recentemente a escola de samba Mangueira fez um samba que homenageia heróis e heroínas negros (as) esquecidos pela história oficial. Pode-se optar pela análise deste samba e a pesquisa das vidas dessas personalidades.
- 4- Finalização: Vamos propor que as histórias das personalidades escolhidas sejam contadas pelas crianças em forma de narrativa literária. Caso haja possibilidade esse trabalho pode ser feito no laboratório de informática da escola.

ATIVIDADE II

Livro: Menina Bonita do Laço de Fita, de Ana Maria Machado

Vídeo: propaganda da Vivo (Penteado).

<https://www.youtube.com/watch?v=GOQOjIEjOL8> , acesso em 22/02/2019

Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental.

Proposta: leitura, reconto, discussão, atividade de expressão plástica, reconhecimento de si e do outro, respeito e conhecimento das diferenças.

Materiais: papel A3, tecidos de chita, massinha, lã, cola, tesoura

Etapas:

5- Leitura coletiva da obra e assistir ao filme

6- Roda de conversa para reflexão:

- O que o vídeo e a história têm em comum?
- O que vocês acharam da história, qual a intenção do autor do livro e do produtor do filme ao falar sobre o tema?
- Você acha importante falarmos sobre isso na escola? Por quê?

7- Mãos à obra:

Distribuímos os materiais, cada dupla escolhe a parte da história de que mais gostou, reescreve e faz a ilustração.

8- Finalização: Embora não tenhamos selecionado, existem outros livros que tratam da questão preconceito com o cabelo da pessoa negra, são eles: *O cabelo de Cora*, da autora Ana Zarco Câmara e *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém. Recomendamos que esses livros também circulem entre as crianças para que percebam o quanto essa questão está presente entre nós. A intenção da oficina é justamente discutir a questão estética, o que é ser belo? Só existe uma forma de beleza? Perceber assim os personagens dos três livros têm em comum.

PARA A QUESTÃO INDÍGENA

ATIVIDADE I

Livro: Vozes ancestrais, de Daniel Munduruku

Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental

Proposta: leitura, discussão, atividade de reconto, valorização da cultura indígena e da tradição oral

Materiais: folhas, gravador

Etapa:

- Roda de leitura.
- Conversar com os alunos sobre a tradição oral presente nos povos indígenas, discutir as mensagens que os contos trazem: são apenas histórias contadas para o prazer e o entretenimento? Há um objetivo maior no fundo de cada uma dessas histórias?
- Explicar aos alunos o conceito de Reconto. Sugerimos a seguinte definição para orientação do professor:

Reconto é a reconstrução oral de um texto já existente. O principal procedimento é a imitação a partir de um texto modelo: um conto clássico, anúncio, texto expositivo, uma notícia, entre outros. Tal procedimento implica recontar parecido com o que estava no livro, no jornal, na revista, no encarte, ou como se fosse o autor. O propósito é a adesão ao texto selecionado, respeitando seu tipo de linguagem, as marcas do gênero, o tema e a sua estrutura. A capacidade de recontar é influenciada pelas experiências letradas das pessoas, seu contato com livros e leitores, sua exposição à escrita e à atividade de compor textos – tanto orais quanto escritos. Recontar não pressupõe que a pessoa esteja alfabetizada, pois o acesso ao texto pode ocorrer pela leitura em voz alta dos adultos. Durante o reconto, a análise do texto modelo acontece sobre seu conteúdo e estrutura – como, no caso de um conto clássico, a organização temporal e causal, a complexidade dos episódios, as marcas típicas, as formas fixas e as restrições do gênero textual. (SÁ, Alessandra Latalisa de. “Reconto”. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro Bregunci (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização*, /Faculdade de Educação, 2014. Disponível: Acesso em:

- Em roda, vamos propor o reconto oral e escrito. Dividimos as crianças em pequenos grupos. Metade fará o reconto oral, outra metade o reconto escrito. É preciso estar atento para o seguinte se forem 6 grupos, vamos escolher 3 contos. Cada um deve ter a versão oral (gravada no gravador) e a outra escrita. Ao final, os grupos se apresentaram juntos e vamos discutir como foi essa experiência de recontar as narrativas.
- Para finalizar, cada grupo irá fazer uma pesquisa sobre a etnia indígena a qual pertence seu conto. Nesse ponto, o objetivo é perceber que embora se fale dos indígenas como uma única nação, cada grupo tem seus costumes, crenças, língua e características que os diferenciam. Se houver viabilidade, os contos, recontos e o material de pesquisa produzidos por eles podem ficar expostos na biblioteca ou no auditório da escola e os demais alunos poderão ter acesso ao material.

ATIVIDADE II

Livro: Foi vovó que disse, de Daniel Munduruku

Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental

Proposta: leitura, discussão, atividade de expressão plástica, reconhecimento de si e do outro.

Materiais: cartolinas, canetinhas, exemplares do estatuto do idoso, cola, tesoura, celular, computador

Etapas:

1- Roda de leitura da obra

Primeiro momento:

2- Roda de conversa para reflexão:

- Destacar o papel exercido pela avó na história.
- Como é a relação entre avó e neto?
- Que papel, ou papéis, ela exerce dentro daquela comunidade?
- Como é o papel da pessoa idosa na nossa sociedade?

Espera-se que os alunos percebam que atualmente o idoso é vítima de preconceitos, abandonos e muitas vezes colocado no papel de um “peso” que as famílias têm que dar conta.

Vamos perguntar se eles conhecem alguma forma legal de proteção do idoso, nesse momento vão distribuir os exemplares do estatuto e problematizar com eles: Por que foi necessário criar essa legislação?

Mãos à obra I: Cada dupla deverá escolher pelo menos 3 direitos ou garantias asseguradas ao idoso que constem no estatuto. Essas produções deverão ser espalhadas pela escola.

Segundo momento: Retomada a discussão do papel da avó como alguém que transmite saberes...

- Pediremos aos alunos que escolham a pessoa mais idosa família para lhes contar uma história que nos traz um aprendizado de quando era mais jovem.
- Cada criança deverá filmar ou, se a turma preferir, digitar a história contada. Aqui cabe mais uma reflexão a cerca da cultura indígena: as histórias passavam entre as gerações de forma oral, e na nossa organização atual o registro escrito é a forma mais utilizada de preservação da memória.

E finalizaremos com a culminância da atividade será o Chá dos Avós, no qual os textos serão lidos e os vídeos produzidos apresentados. Para este dia sugerimos que se monte um BAOBÁ no espaço onde ocorrerá o chá, já que essa árvore aparece constantemente nas histórias indígenas como local de reunião e contação de histórias. Previamente pediremos que as crianças pesquisem comidas e bebidas de origem indígena para que tragam no dia.

PARA A QUESTÃO DAS DEFICIÊNCIAS E DIFERENÇAS

ATIVIDADE I

Livro: Bruno e João. Jean-Claude R. Alphen Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental. Proposta: leitura, discussão, atividade de expressão plástica, reconhecimento de si e do outro. Materiais: imagens, canetinhas, folhas A4.

Etapas:

- 1- Análise da capa do livro: sobre o que vocês acham que esse livro vai falar? Que história vai nos contar?

O professor estimula as crianças a falar e anota no quadro algumas falas.

- 2- Leitura do livro pelo professor:

- 3- Roda de conversa:

Vamos primeiro analisar se as expectativas sobre a história foram atendidas, se alguém se aproximou do enredo do livro e assim discutir as possibilidades de se julgar ou não um livro pela capa. Esse livro foi escrito e ilustrado pela mesma pessoa, o que torna essa discussão interessante.

- 4- O professor vai propor a análise do livro: discutir estereótipos há quem imagine que o grandão vai ser o valentão e que o pequeno é frágil. Propor que eles falem sobre outros estereótipos que eles conhecem e levam a preconceitos em nossa sociedade.

- 5- Vamos entrar na temática do bullying. Cada criança receberá um papel onde anotará situações que vivenciou/ presenciou na escola que a magoaram ou que ela gostaria que não tivessem acontecido. Ninguém deve se identificar, apenas escrever. O professor vai ler as situações. Vamos conversar com a turma sobre o ocorrido, sempre pedindo que eles se coloquem no lugar daquele que vivenciou/ presenciou a situação. Seria possível evitá-la? Seria possível

resolver a situação com a ajuda de outra criança ou de adulto? Essa situação provocou desconforto em quem ouviu o relato?

Sugerimos que a participação do orientador educacional durante a dinâmica para que ele também fizesse intervenções. O objetivo principal é desenvolver a solidariedade e a empatia em situações vivenciadas dentro a escola que podem acontecer com qualquer um.

ATIVIDADE II

Livro: Amarílis, de Eva Furnari. Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental. Proposta: leitura, discussão, atividade de expressão plástica, reconhecimento de si e do outro. Materiais: imagens, canetinhas, folhas A4.

Etapas:

- 1- Leitura do livro pelo professor.
- 2- Roda de conversa

O livro tem um final surpreendente e emocionante para que não conheça nada da história. Vamos pedir que eles falem sobre o que sentiram quando descobriram que o menino era cego e o desafio da irmã ao contar para ele as histórias.

3- Mãos à obra:

- Cada um receberá uma sequência de imagens sem texto e terá que ser o autor da história que será contada para o colega que não verá as imagens.

4- Finalização

- Ao final da leitura, pedimos para que os ouvintes digam como se sentiram e que os escritores relatem a suas premissas e desafios na hora de serem os “olhos” dos colegas.

- A ideia é que essas imagens sejam iguais dois a dois para que possamos ouvir duas possibilidades de narrativas criadas a partir da imagem.

PARA A VALORIZAÇÃO DAS MULHERES

ATIVIDADE I

Livro: 50 Brasileiras Incríveis para conhecer antes de crescer, de Débora Thomé. Público: alunos do primeiro segmento do ensino fundamental.

Materiais: cartolina em A4, canetinhas, internet. Proposta: leitura coletiva e exposição de pesquisas

Etapas:

- A atividade deverá ser realizada ao longo de alguns dias, se tivermos 25 alunos em cada turma, durante cinco dias conheceremos 5 histórias (Cada criança buscará no índice a sua escolha).
- Vamos fazer uma roda de conversas sobre o que as mulheres escolheram representam ou representaram, se eles as conheciam e caso sim, o que sabiam a respeito delas.
- Ao fim da leitura coletiva do livro, cada um deverá escolher uma mulher para ser a 51ª mulher do livro. Nosso objetivo é observar no texto escrito como justificaram suas escolhas.

Vamos montar uma exposição com os trabalhos feitos por eles para que a comunidade escolar pode conhecer essas mulheres incríveis escolhidas por eles.

ATIVIDADE II

Livro: As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo. Rachel Ignotofsky

Vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=WWvIQJg4SCM>

Etapas:

- O disparador da discussão será o o vídeo. Com ele vamos iniciar a roda de conversa a respeito do tema.

Devemos deixar espaço para que eles falem sobre o que pensam da invisibilidade da mulher na ciência, perguntar que cientistas eles conhecem independente do sexo, observar que o vem a mente em primeiro lugar são cientistas homens.

- Podemos propor que em ele façam uma pesquisa na escola e em casa. Uma pergunta simples: Cite o nome de 2 cientistas homens e 2 cientistas mulheres. Podemos montar tabelas e gráficos com as respostas, articulando com a matemática, discutir os resultados e montar um mural com eles para a comunidade escolar.
- Feito isso, apresentamos o livro *As cientistas* às crianças. Podemos propor leituras diárias, conhecendo as cientistas ao longo dos dias.
- Proposta: dividir a turma em grupos (que devem ser organizados de acordo com a realidade da sala de aula) e propor uma dramatização para que as cientistas sejam apresentadas a comunidade escolar.

As nossas sugestões de atividades são no intuito de trazer conhecimentos aos professores para trabalhar com os alunos nas classes regulares.

No mundo de hoje temos muitas informações que nos auxilia a ter um ponto de vista sobre um determinado acontecimento, que poderá gerar conhecimento ou não. O conhecimento resulta da aplicação e do uso produtivo de uma determinada informação, envolve emoções; valores e dependerá do contexto histórico, social e cultural onde os indivíduos estão inseridos (MARTINS,2010).

A partilha do conhecimento ideias que trazemos aqui está alicerçada na experimentação e no sentimento de pertença a um único objetivo comum a inclusão de todos e com todos. Com isso o propósito principal foi mostrar que a diversidade, a pluralidade de livros que aqui sugerimos, ajuda a quebrar paradigmas, conceitos e podem auxiliam a transformar a realidade vivida em uma determinada sociedade.

Como citado anteriormente, na história da literatura os autores aqui apresentados apoiaram na flexibilidade, abertura e adaptabilidade do ser humano em ser mais compreensivos, tolerantes com os diferentes.

Dialogamos com a pesquisadora Eliana Yunes que nos alerta *que “(...) que não sabendo quem somos, que experiências tivemos, que acervos de vida portamos ou qual nosso repertório de histórias, dificilmente haverá diálogo com o texto.”* (YUNES, 2016, p. 620) diante disto é fundamental que o professor permite que o aluno possa falar abertamente sobre suas impressões sobre os textos, sem que se sinta avaliado pelo outro *“pois a interpretação não está no texto, como um enigma, mas na interação que estabeleço com ele, seu contexto original ou atual, minhas circunstâncias de ontem e de hoje.* (YUNES, 2016, p. 620). A autora destaca o papel da educação na formação humana, afirma que *que “(...) a educação tem seu papel relevante, menos por nos ajustar ao mal-estar na cultura, mais por alargar os horizontes potenciais desta mesa cultura, desde que feita com ética, ou seja, em consideração à existência do outro.”* (YUNES, 2016, p. 621).

CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho conseguimos alcançar nosso objetivo geral de criar um e-book contendo as indicações de livros de literatura escolhidos junto com as sugestões de atividades que tratam de temas relacionados à diversidade humana.

Para que o trabalho fosse possível, nós realizamos a busca nas bases de dados sobre o tema Literatura infantil e Inclusão dentro do período estabelecido, mas sem excluir referências que encontramos ao longo das leituras que pudessem nos ajudar a fundamentar o trabalho. Durante a seleção dos artigos fizemos nossas escolhas a partir da leitura do título. Essas leituras foram a base do nosso estudo e nos permitiram ter um arcabouço teórico para fazer a posterior seleção dos livros de literatura infanto-juvenil que tratam da diversidade humana.

Devidamente fundamentados, partimos para a seleção das obras. No meio do nosso processo, houve o lançamento do novo formato do programa Programa Nacional do Livro e do Material Didático –PNLD, assim o PNLD Literário chegou às escolas de educação básica do país. O programa é organizado em diferentes categorias nas quais se encaixam os livros de literatura, nosso foco de busca foram as categorias *Encontros com a diferença*, *descoberta de si e família* *amigos e escola*. Durante a etapa de escolha dos livros, não nos restringimos apenas ao PNLD Literário, mas também consideramos obras Vencedoras do Prêmio Jabuti, Vencedores do Prêmio Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (Fnlij) e Indicações nos artigos pesquisados.

Nosso próximo objetivo foi elaboramos as atividades pedagógicas que poderão ser realizadas pelos professores ao acessar o Ebook. Nossa prioridade era que em todas as atividades propostas houvesse a participação efetiva dos alunos e que o professor atuasse como um dinamizador que disparasse e mediar as discussões sobre os temas trazidos pelo livro.

Toda pesquisa bibliográfica que nos deu a base para o trabalho, as indicações literárias e as atividades propostas estão colocadas no Ebook para serem utilizados em sala de aula para formação do respeito à diversidade.

Há um trecho do artigo de Oliveira (2010) que nos orientou em nossas decisões durante todo processo de escolha dos livros literários e da elaboração das atividades que seriam propostas que acreditamos ser fundamental para todos os professores, pois afirma que o professor

Em suas mediações não deve aceitar textos preconceituosos, que desrespeitem as etnias, os gêneros humanos, os portadores de necessidades especiais, os analfabetos, a variação linguística, o comportamento regional, o meio ambiente, os diferentes grupos sociais. Ele necessita ter presente que os valores éticos e morais do ser humano são sempre resultado de sua formação ao longo da existência e, portanto, também depende dele contribuir para o desenvolvimento de sua capacidade de ler o mundo e refletir sobre ele. As histórias lidas ou ouvidas desenvolvem a competência de discernir (OLIVEIRA, 2010, p. 52)

Chegamos ao final deste trabalho com certeza de que a literatura pode estar a serviço da formação para o respeito a diversidade, encontramos livros que em nada lembram manuais ou receituários de boas maneiras com viés moralizante. A subjetividade das narrativas e a delicadeza com que tratam os temas nos surpreenderam e eram livros assim que estávamos buscando para compor o nosso pequeno acervo. A leitura de livros como *Amarílis*, provocou em nós uma profunda emoção. E esta é uma lição que carregamos: se o livro não te emociona, não te faz refletir, não provoca nada, esse não é o livro que você deve escolher para mediar o trabalho. Finalizamos esta pesquisa com um desafio que esperamos enfrentar em breve: por em prática as atividades já propostas e pensar em outras que favoreçam a utilização dos outros livros escolhidos.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura literária para crianças brasileiras: Das fontes às margens**. In: SOUZA, Renata Junqueira de; TAGLIARI, Berta Lúcia (Orgs.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

ARAÚJO , Débora Cristina de **As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil**. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 69, p. 61-76, maio/jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/v34n69/0104-4060-er-34-69-61.pdf> Acesso em 08/11/2018

AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura In**
SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) Caminhos para a formação do leitor. São
Paulo, DCL, 2004. Artigo disponível em:
<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores1.pdf> Acesso em 26/04/2019

AZEVEDO, Ricardo. **Conto popular, literatura e formação de leitores.**
Revista Releitura. Publicação da Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo
Horizonte. Abril, nº 21, 2007. Disponível em
<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Contos-populares.pdf> Acesso em 26/04/2019.

BUENDGENS, Jully Fortunato; CARVALHO, Diana de. **O preconceito e as diferenças na literatura infantil.** Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 591-612, abr./jun. 2016.
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S217562362016000200591&script=sci_abstract&tlng=pt . Acesso em 10/11/2018

CAMPOS, Wagner Ramos. AMARILHA, Mary. **Literatura Infantil Negra: uma discussão necessária.** Revista Cátedra: PUC Rio. 2018. Disponível em
<http://revista.catedra.puc-rio.br/index.php/literatura-infantil-negra-uma-discussao-necessaria/> . Acesso em 10/11/2018

BEAUVOIR, Simone. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos.** Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Literatura, Conhecimento e Liberdade.** In Nos caminhos da literatura/[realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo:Peirópolis,2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Moraes da. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil.** Curitiba. Ibplex.2007

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
_____. **Política e educação.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23).

FREIBERGER, Regiane Müller; BERBEL, Neusi Aparecida Navas. A importância da pesquisa como princípio educativo na atuação pedagógica de professores de educação infantil e ensino fundamental. *Cadernos de Educação*, 2010, 37.

FUGANTI, L. (2005). **A Ética como potência e a moral como servidão**. Disponível em <http://www.luizfuganti.com.br/escritos/textos/68-etica-como-potencia-e-moral-como-servidao?format=pdf>. Acesso em 30 de abril de 2018.

GONÇALVES, H. de Abreu; **Manual de metodologia da pesquisa científica**; Editora: Avercamp; Edição: 1ª (2005)

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.31, n.1, p. 77-89, jan. /abr. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n1/a06v31n1.pdf>. Acesso em 20/08/2018.

GREGORIN FILHO, Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MARTINS, Andrea Castelaci. **A temática indígena na literatura infantil e juvenil – um percurso**. Literartes, n. 5, p. 120-149, 16 out. 2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/literartes/article/view/112222>

NORONHA, Ligia Fagundes Fernandes. **A representação da deficiência na literatura infanto-juvenil nos tempos de inclusão**. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2006. Disponível em : http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetaileObraForm.do?select_action=&co_obra=188403

SACRISTÁN, José Gimeno. **A construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas**. In: ALCUDIA, R. et al. Atenção à diversidade. Trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002. P. 13-38

SANDRONI, Laura. **A década de 70 e a renovação da literatura infantil e juvenil**. In Nos caminhos da literatura/[realização] Instituto C&A; [apoio] Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo:Peirópolis,2008.

SILVA, Luciana Cunha Lauria da; SILVA Katia Gomes **O negro na literatura infantojuvenil brasileira**. Revista Thema .Volume 8, Número Especial. 2011. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/106/54> . Acesso em 20/08/2018

SÁ, Alessandra Latalisa de. **“Reconto”**. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro Bregunci (Orgs.). *Glossário Ceale: termos de alfabetização*, /Faculdade de Educação, 2014. Disponível: Acesso em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/reconto> 09 março. 2019.)

Thiél, Janice Cristine. **A Literatura dos Povos Indígenas e a Formação do Leitor Multicultural**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

Thome, Debora; Melo [Hildete Pereira de](#). **Mulheres e poder: historias, ideias e indicadores**. 1ª ed. São Paulo: FGV. 2018.

YUNES, ELIANA. **Sujeitos em construção: a leitura e a escrita de si**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica, Salvador, v. 01, n. 03, p. 618-625, set/dez. 2016.

ZILBERMAN. Regina. **A literatura infantil na escola**. 9ªed. São Paulo: Global.1994

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 15ª ed. São Paulo: Global, 2003.**Bibliografia – Livros de Literatura**

Literatura Negra

AMADO, Janaína. **Zumbi, o menino que nasceu e morreu livre**. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática Scipione, 2018.

CHAMBERLIN, Mary. CHAMBERLIN, Richard. **As panquecas de Mama Panya**. 1ª ed. São Paulo: SM Editora, 2005.

LIMA, Heloisa Pires. **Histórias da Preta**. 2ªed. São Paulo:Companhia das Letrinhas, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Histórias africanas**. 1ª ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática Scipione, 2011.

NEFRO, Maurício. **Gente de cor, cor de gente**. 1ª ed. São Paulo: Quinteto, 2018.

NEVES, André. **Obax**. 1ªed. São Paulo: Brinque Book, 2010.

ONDJAKI. **Ombela – A origem das chuvas**. 1ªed. Rio de Janeiro: Pallas Mini, 2014.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco Pequenos Leitores, 2017.

TANAKA, Béatrice. **A história de Chico Rei**. 2ªed São Paulo: SM Editora, 2010.

Literatura Indígena

AZEVEDO, Sanzio. **O curumim pintor e outras histórias**. 1ªed. Fortaleza: Edições demócrito rocha, 2014.

GRUPIONI, Luís Donizeti Benzi. **Viagem ao mundo indígena** -Coleção Pawana. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2004

HOFFMANN, Ângela. **Yvy Porã Porau e o rio de mel**. 2ªed. Porto Alegre:Mediação, 2018

LACOMBE, Ana Luísa. **A árvore de Tamoromu**. 1ªed. São Paulo: Formato, 2013

MARQUES, Wilson. **As aventuras de Wiraí**. São Paulo: Kit's Editora, 2018.

MATÊ. **Poemas da minha terra tupi**. 1ª ed. São Paulo: Bico do Lacre, 2018
MUNDURUKU, Daniel. **Catando piolho contando histórias**. 1ªed. São Paulo: Escarlata, 2014

MUNDURUKU ,Daniel. **Foi vovó que disse**. 1ªed. Porto Alegre: Edelbra, 2015.

MUNDURUKU ,Daniel. **Vozes Ancestrais**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2016

WAPICHANA, Cristino. **A boca da noite**. 1ºed. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

Dificiências e diferenças

ALPHEN, Jean-Claude R. **Bruno e João**. 1ª ed. São Paulo:Eureka, 2018

AZEVEDO, Ricardo. **No meu da noite escura tem um pé de maravilha!** 1ª ed. São Paulo: Ática, 2002

BELINKY, Tatiana. **Diversidade**. 3ª ed. São Paulo: FTD, 2018

FURNARI, Eva. **Amarílis**. 1ª ed. São Paulo: Sieduc –Soluções Inovadoras para educação, 2018

HOESTLANDT, Jo. **Bom mesmo é correr!**. 1ª ed. Belo Horizonte: Dimensão,

2018

IWASA, Megumi. **Cartas de uma girafa chamada José**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014

MIURA, Tauro. **O pequeno Rei**. 2ªed. São Paulo:Berlendis e Vertecchia, 2018

PORTELA, Míriam. **Alguém muito especial**. 1ª ed. São Paulo: Avalia Educacional, 2018

SONG, Jin-heon. **A história de Ppibi**. 2ª ed. Curitiba:Positivo, 2018

TOLEDANO, Diana. **Um lugar para Eduardo**. 1ª ed. Curitiba:Champagnat, 2018

WOJTOWICZ, Jen. **O menino que florescia**. 1ª ed. São Paulo: Moitará, 2018.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE

BUARQUE. Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 40.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015

CLAUDE, Jean. Pinóquia. 1ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 2018

FAVILLI, Elena; CAVALLI, Francesca. **Histórias de ninar para garotas rebeldes: cem fábulas sobre mulheres extraordinárias**. 1ª ed. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2017

FERRARI, Pri. Coisa de menina ou coisa de menino? 1ªed. São Paulo: Bonifácio, 2018

IGNOTOFSKY, Rachel. As cientistas: 50 mulheres que mudaram o mundo. 1ª ed. São Paulo: Blucher, 2017

MACHADO, Ana Maria. **A princesa que escolhia**. 1ªed. Rio de Janeiro: [Alfaguara Brasil](#), 2012

ROCHA, Ruth. **Leila menina**; 2ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005

THOMÉ, Débora **50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Galera, 2017.

TOKITAKA, Janaina. Princesa



Laila Pinto Vilela - Mestre em Diversidade e Inclusão.

Dagmar de Mello e Silva - Doutora em Ciências da Educação.

Ruth Maria Mariani Braz - Doutora em Ciências e Biotecnologia

Este e-book surgiu por iniciativa trabalho de pesquisa de mestrado da mestranda Laila Pinto Vilela, desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão (CMPDI), sob a orientação da professora doutora Ruth Maria Mariani Braz e co-orientação de Dagmar de Mello e Silva ambas membros do grupo Galileu Galilei, grupo independente, composto por pesquisadores de diversas Universidades Brasileiras, com o objetivo de divulgar um acervo de obras e atividades lúdicas relacionadas à área da Educação Inclusiva. O trabalho de pesquisa tem ênfase na área da literatura e é voltado para quatro temas relacionados a inclusão, são eles: questão étnico racial, questão indígena, questões relacionadas a deficiência e as diferenças e o papel da mulher na sociedade afim de propor práticas que possam ser realizadas em escolas regulares de educação básica que buscam a formação de alunos para o respeito à diversidade e inclusão como proposta real.

